ISRAEL BELO DE AZEVEDO

O ESPIRITISMO SEGUNDO JESUS CRISTO



VIDA NOVA

O ESPIRITISMO SEGUNDO JESUS CRISTO

Dados internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Israel Belo de O espiritismo segundo Jesus Cristo / Israel Belo de Azevedo. — São Paulo: Vida Nova, 2010.

Bibliografia.
ISBN 978-85-275-0457-7

1. Bíblia – Estudo 2. Crenças 3. Cristianismo –Doutrinas 4. Cristianismo e outras religiões
5. Espiritismo – Doutrinas 6. Jesus Cristo – Ensinamentos I. Título

10-12644 CDD-261.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Cristianismo e espiritismo 261.2

ISRAEL BELO DE AZEVEDO

O ESPIRITISMO SEGUNDO JESUS CRISTO


VIDA NOVA

Copyright © Edições Vida Nova

1ª Edição: 2010

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br
Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0457-7

Impresso no Brasil /*Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sergio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS
Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO
Kelly Christine Maynarte

CAPA
Guther

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 books

SUMÁRIO

CAPA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
PREFÁCIO
PARTE 1 ENCONTROS E DESENCONTROS DE DOIS MUNDOS

1.TRÊS VALORES ESPÍRITAS
2.DUAS FONTES DIFERENTES
3.PARA QUE O DIÁLOGO SEJA POSSÍVEL
4.JESUS CRISTO, MESTRE E MODELO OU SALVADOR?
5.A AUTORIDADE DOS ESPÍRITOS
6.A MEDIUNIDADE
7.A (IN)COMUNICAÇÃO DOS MORTOS
8.A ENCARNAÇÃO

9.UMA CONFISSÃO DE FÉ CRISTÃ

PARTE 2 PARA LER A BÍBLIA COM INTELIGÊNCIA E FÉ

10.UMA DECLARAÇÃO (DE AMOR)
11.O DEUS DA BÍBLIA
12.A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA
13.DA INFORMAÇÃO AO ENVOLVIMENTO
14.DIFICULDADES PARA LER A BÍBLIA
15.PARA TER O QUE DIZER
16.LER É INTERPRETAR
17.PROGRAMA DE LEITURA DA BÍBLIA EM 75 SEMANAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PREFÁCIO

Como filhos de Adão e Eva, somos irmanados em nossa humanidade.

CARO IRMÃO ESPÍRITA:

Obrigado pela generosidade de abrir estas páginas. Agradecido, preciso contar a história deste livro, com este título tão pretensioso.

Convidado para uma conferência sobre religião e ciência num centro tecnológico de ponta em nosso país, dialogou comigo uma das cientistas da casa, tão logo o debate foi aberto.

Depois, continuamos a conversa animadamente, corredores afora. No meio da conversa, a pesquisadora revelou, educadíssima e respeitosa, a sua confissão religiosa: era espírita cristã. Eu devo ter me traído, porque ela me perguntou pela razão da minha estranheza por ela se dizer cristã.

Educada e respeitosamente, eu lhe expliquei as razões por que entendia que o seu espiritismo kardecista não podia ser considerado cristão. Ela me ouviu com educação e respeito.

Depois disto fui ler Allan Kardec. Então, por ser cristão, resolvi escrever este livro. Não o faço por achar que o espiritismo seja inferior ao cristianismo, mas sim por entender que ele não é cristão. Talvez você pergunte: Mas quem pode dizer se uma pessoa é ou não é cristã?

Respondo. Não trago para o âmbito de nossa conversa o argumento moral, pois há muitos espíritas que são cristãos de atitude, por causa dos valores que regem suas vidas, valores derivados dos ensinos de Jesus Cristo. Mas isso não faz deles cristãos. O argumento moral aprovaria o espiritismo, ao mesmo tempo em que reprovaria muitos cristãos, que não são cristãos de modo completo, pois, mesmo tendo sido aprovados no plano teológico (por crerem nas verdades bíblicas), são reprovados no plano moral, porque suas atitudes tristemente não condizem com os valores propostos por Jesus Cristo.

Cristão é, portanto, aquele que passa por dois testes: o ético (moral) e o teológico. Teologicamente falando, o cristianismo tem suas bases fincadas exclusivamente na Bíblia, que traz não só os ensinos de Jesus Cristo para uma vida reta, mas também os ensinos dele sobre si mesmo e sobre o presente e o futuro. No teste teológico, infelizmente o espiritismo não passa, a começar pelo modo como vê a Bíblia. A dificuldade maior, contudo, está no papel que Jesus Cristo ocupa na história e na vida, pois ele é visto pelo espiritismo como um mestre, o que é muito pouco para aquele que disse que quem o via via o Pai.

Você tem todo o direito de me julgar, assim como estou fazendo com a sua fé. Julgar não é desqualificar o outro, mas examinar-lhe honestamente o pensamento. Por isso, assim como eu li Allan Kardec para conhecer melhor a sua fé, peço que leia esta obra singela para conhecer melhor a fé cristã.

Ao examinar este livro, diga-me se o espiritismo que descrevo não é o espiritismo dos espíritas. Se eu tiver inventado outro espiritismo que não o de Kardec, terei que reformular o que escrevi. Se eu tiver sido fiel em minha descrição, não se aborreça comigo e nem com aquele que eventualmente lhe falou ou lhe deu este livro. Dê-me a honra de lê-lo até a última página, pois ele foi escrito e presenteado exclusivamente para falar a você de uma pessoa: Jesus Cristo, o único Filho de Deus, o Salvador e o Senhor do mundo.

Israel Belo de Azevedo

PARTE 1

ENCONTROS E DESENCONTROS DE DOIS MUNDOS

1

TRÊS VALORES ESPÍRITAS

O adjetivo "cristão" está presente em muitas expressões religiosas. No entanto, uma pergunta precisa ser feita: Todos os credos que afirmam ser cristãos de fato o são?

Cristão é quem diz que é cristão? É cristão o credo que recusa o Novo Testamento, aceito ao longo dos séculos ou o reinterpreta de um modo negado pela tradição?

Essas perguntas são necessárias diante do que afirma o próprio espiritismo, uma vez que ele se apresenta como cristão. Na verdade, segundo Allan Kardec (1804-1869), o formulador do credo espírita, o espiritismo é "o reflexo do mais puro Cristianismo", razão pela qual "o verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, pois todos aqueles que praticam a caridade são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto a que pertençam". [1]

Na percepção de Kardec, o espiritismo "não ensina nada em contrário ao que o Cristo ensinou, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que só foi dito sob forma alegórica. Ele vem cumprir, no tempo anunciado, o que o Cristo prometeu e preparar a realização das coisas futuras. É, portanto, obra do Cristo, que o preside e que igualmente preside ao que anunciou: a regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra". [2]

O fato de o espiritismo pretender ser cristão suscita três questões que merecem uma consideração preliminar.

1. Se todas as expressões religiosas estivessem em pé de igualdade, numa espécie de universalismo sem fronteiras, chegaríamos à conclusão de que todas elas são verdadeiras, mesmo que seus ensinos sejam contrários entre si. Nesse caso, por exemplo, seria verdadeira a religião que afirma a existência de um só Deus (monoteísmo), bem como seria verdadeira aquela que acredita na existência de vários deuses (politeísmo).

2. Se as decisões no campo espiritual pudessem tomar como base apenas o critério moral, talvez todas as expressões religiosas fossem igualmente válidas,

pois todas pretendem propor ações que visam o bem comum. Nesse caso, quanto mais ética fosse uma religião maior seria a sua legitimidade.

3. Se as experiências pessoais de fé fossem o único critério legitimador de uma expressão religiosa, navegaríamos à deriva em um oceano de subjetividade, de experiência em experiência, mesmo que uma fosse radicalmente oposta à outra. Nesse caso, uma religião seria apenas uma codificação de experiências, podendo mudar a cada instante ao sabor das experiências.

Se adotássemos uma visão universalista (como propõe o item 1), poderíamos acrescentar ao credo cristão a doutrina espírita, ou seja, poderíamos admitir a ideia de um espírita ser também cristão, uma vez que a doutrina espírita não se pretende exclusiva e recomenda que nenhuma religião o faça:

> O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que se pode ser salvo seja qual for a crença, contanto que se observe a Lei de Deus, não diz: 'fora do Espiritismo não há salvação' e, como ele não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: 'fora da verdade não há salvação', o que dividiria ao invés de unir e tornaria eternos os antagonismos, isto é, as rivalidades.[3]

No entanto, o cristianismo adota uma visão diferente dessa, que defende a sua singularidade perante as demais religiões, pois não crê que todos os caminhos levam a Deus, mas sim que Jesus Cristo é o único caminho, a verdade e a vida.

Se adotássemos como preponderante o critério da moral (como propõe o item 2), o espiritismo também seria viável, por sua ênfase em cuidar dos que sofrem, pois segundo a máxima espírita de que não podemos amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do ser humano se encontram resumidos neste ensinamento moral: Fora da caridade não há salvação. [4]

No entanto, mais uma vez isso não corresponde à visão cristã, pois, muito embora ela se preocupe com as atitudes daqueles que se dizem cristãos, ou seja, com a questão moral, não considera a moral como sendo preponderante. Ao lado da moral também coloca a questão teológica. Como já dissemos, a fé cristã têm suas bases fincadas exclusivamente na Bíblia e só pode se considerar cristão quem passa pelos dois testes: o ético e o teológico.

Por último, se adotássemos as experiências pessoais de fé como o único critério legitimador de uma expressão religiosa também seria possível admitir a ideia de um espírita ser cristão. Novamente, porém, o critério legitimador do cristianismo não são experiências de fé vividas em qualquer expressão religiosa. O cristianismo, como o próprio nome diz, só considera válidas as experiências de fé vividas em Cristo Jesus.

Contudo, há valores do espiritismo que precisamos reconhecer. Um valor que o espiritismo tem é a dedicação ao estudo, à pesquisa e à ciência. O interesse que desperta entre pesquisadores e cientistas deve ser decorrência disso. Kardec defende que a ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana, pois possuem o mesmo princípio, que é Deus. Não podem contradizer-se, visto que, se uma contrariar a outra, uma terá necessariamente razão enquanto a outra não a terá, já que Deus não destruiria sua própria obra. A falta de harmonia e coerência que se acreditou existir entre essas duas ordens de ideias baseia-se num erro de observação e nos princípios exclusivistas de uma e de outra parte. [5]

O segundo valor do espiritismo é o respeito nutrido por outras expressões religiosas. O espiritismo é também um campeão na questão da liberdade religiosa. Escrevendo em defesa do direito de o espírita ser espírita, Kardec defende o seguinte:

> De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade da consciência. Amaldiçoar aqueles que não pensam como nós é reclamar essa liberdade só para si, e recusá-la aos outros é violar o primeiro mandamento de Jesus: o da caridade e do amor ao próximo. Persegui-los, por causa de sua crença, é atentar contra o direito mais sagrado que todo homem tem de acreditar no que lhe convém, e de adorar a Deus como ele o entenda. [6]

O terceiro valor espírita a ser reconhecido é o convite que faz à coerência entre fé e vida, o elogio que faz ao amor ao próximo e a insistência no desenvolvimento moral, tanto individual quanto coletivo.

> O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Questiona sua consciência sobre seus próprios atos, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem que podia, se negligenciou voluntariamente uma ocasião de ser útil, se ninguém tem queixa dele, enfim, se fez aos outros tudo o que gostaria que lhe fizessem.[7]

Gostaria de perguntar, porém: A valorização da ciência torna o espiritismo cristão? A defesa espírita do direito à liberdade religiosa eleva-o à condição de cristão? O convite a levar uma vida moralmente irrepreensível faz do espiritismo uma doutrina cristã? Esses valores estão presentes em praticamente todas as religiões, inclusive na cristã. Porém, para saber o que é ser cristão os critérios que devemos considerar são outros:

1. Qual é a fonte dos ensinos?
2. Qual é o lugar de Jesus Cristo?
3. As doutrinas ensinadas são bíblicas, no sentido de terem sido desenvolvidas a partir da Bíblia?

Nos próximos capítulos analisaremos mais a fundo cada uma dessas questões.

2

DUAS FONTES DIFERENTES

A primeira pergunta que deve ser feita a qualquer credo que se diz cristão é: Qual a fonte dos seus ensinos? Em outras palavras, de onde vem aquilo que esse credo afirma e ensina sobre a vida em geral e a fé em particular?

O cristianismo extrai seus ensinos da Bíblia Sagrada (Antigo Testamento e Novo Testamento), um conjunto de livros que os cristãos consideram inspirados por Deus para orientar as pessoas em todas as questões da vida. A inspiração da Bíblia pode ser entendida como um processo através do qual Deus atuou para comunicar objetivamente sua vontade aos seres humanos. Na Bíblia está toda a orientação que uma pessoa precisa, em qualquer lugar e em qualquer tempo, para viver. Embora tenha normas, são seus princípios que regem a vida dos cristãos, uma vez que as normas são temporais, enquanto os princípios são eternos.

Entretanto, alguém poderia perguntar: E as questões do século xxi, relacionadas à economia, moral e bioética (como aborto, eutanásia, transplantes, pesquisas com células-tronco, entre outras), estão respondidas na Bíblia?

A resposta é "não" e "sim". Não estão respondidas no sentido de que não há na Bíblia orientações específicas a respeito delas, pois, se houvesse, a esta altura já seriam respostas superadas, uma vez que teriam sido formuladas há dois milênios ou mais. Também não estão respondidas no sentido de que muitas dessas questões ainda não existiam no passado e não serão as mesmas questões que serão feitas no futuro, quando certamente surgirão outras. Não estão respondidas na Bíblia também pelo fato de o homem ser livre para escolher.

No entanto, quando alguém lê a Bíblia, encontra nela princípios que servem de orientação para todas as áreas da vida. A grande dificuldade não está, na verdade, em interpretar a Bíblia, mas sim em viver o que ela ensina. E o correto é sempre deixar a Bíblia falar, mesmo que isso incomode.

Em minha experiência pessoal, procedo deste modo. Leio a Bíblia cotidianamente e vou impregnando a minha mente do seu sábio e santo conteúdo. Quando me deparo com uma questão, examino-a dentro e fora dos

limites da minha fé. Depois, volto para o texto bíblico, procurando um ou mais textos que me ofereçam uma resposta, direta ou indireta, para a questão. Deixo que essa resposta me alcance, para que se torne a minha resposta. Ainda não me deparei com uma situação em que não encontrasse uma resposta. Quando o Brasil discutiu, a partir de uma convocação do Supremo Tribunal Federal, o tema das células-tronco embrionárias, que implicava na determinação do início da vida, li as argumentações de biólogos, juristas e teólogos. Sobre essa questão a Bíblia não tinha como ser explícita, mas há indicações implícitas nela e daí derivei minha posição, favorável às pesquisas com células-tronco embrionárias. [8]

Portanto, podemos afirmar que as questões do século xxi (em todos os campos, seja no científico, político ou econômico) estão, sim, respondidas na Bíblia, quer seja de forma direta ou indireta. Há temas da cultura atual que não estiveram presentes nas culturas da época bíblica. No entanto, os princípios inspirados por Deus e que orientaram os cristãos daquele tempo se aplicam ao nosso tempo, bem como a qualquer tempo.

É importante destacar outro aspecto. Quando lemos a Bíblia, devemos nos lembrar que ela é uma coleção de sessenta e seis livros e que contém diversos gêneros literários. Assim, um poema deve ser lido como um poema. Uma carta deve ser lida como uma carta e, mesmo dentro da carta, encontramos outros gêneros, como reproduções de pensamentos, poemas e cânticos. Um conto deve ser lido como um conto. Um texto apocalíptico deve ser lido como tal. O autor de Apocalipse, o último dos 66 livros, fala de quatro anjos que estão em pé, nos quatro cantos da Terra, retendo os quatro ventos, para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore (Apocalipse 7.1).[9]Os fenômenos ali descritos não podem ser tomados como sendo de ordem natural, como se a Terra fosse quadrada, mas como fenômenos da ordem da imaginação, utilizados para descrever o poder de Deus.

Então, quando a Bíblia prediz, por exemplo, que todas as pessoas se curvarão diante de Jesus "nos céus, na terra e debaixo da terra", não está dizendo que haja habitantes debaixo da terra, mas sim salientando que TODOS os seres humanos, não importa onde estejam e de onde sejam, reconhecerão quem é Jesus, o rei do universo.

A Bíblia é um livro completo, feito para ser lido e interpretado, jamais cortado, editado ou complementado. A Bíblia está pronta e o nosso papel é apenas interpretá-la e aplicá-la. A interpretação exige conhecimento da própria Bíblia, bem como das regras básicas de interpretação que são aplicadas a qualquer

outro livro.

Vejamos, por exemplo, uma passagem bíblica interessante. Pouco antes de sua morte, Jesus confortou seus discípulos com as seguintes palavras:

> Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos [ou moradas]; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou (João 14.1-4).

A leitura destes versículos mostra apenas uma coisa: que Jesus se referia ao fato de que, quando morresse, ele iria para o céu, onde esperaria por seus discípulos. Essa esperança deveria encher o coração deles de paz. É dessa forma que o cristianismo interpreta essa passagem.

No entanto, a leitura espírita proposta por Allan Kardec usa esse mesmo texto para dizer que a casa do Pai é o universo. Essa leitura kardecista parte do texto bíblico, mas vai muito além dele. Segundo a tese criada por Kardec, as diferentes moradas são os vários mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos espíritos que neles encarnam, moradas apropriadas ao seu adiantamento. Independentemente da existência de vários mundos, essas palavras também podem ser entendidas como o estado feliz ou infeliz do espírito errante, conforme seu grau de pureza, sua libertação dos laços materiais, o ambiente onde se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que possua, podendo tudo isso variar ao infinito.[10]

Como podemos ver, a interpretação que o cristianismo faz dessa passagem se restringe ao que está dito no texto bíblico, enquanto a interpretação do espiritismo lança mão de elementos que não pertencem ao texto bíblico, mas foram criados por um homem, Hippolyte Léon Denizard Rivail, o codificador do espiritismo que adotava o pseudônimo de Allan Kardec.

Vejamos outro exemplo de como o fundador do espiritismo usa os evangelhos. O texto de Jesus trata da humildade: “Pois todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado” (Lucas 14.11). A conclusão kardecista — que não se limita a interpretar, mas opta por acrescentar a doutrina de Allan Kardec ao texto bíblico — é a seguinte:

> O Espiritismo vem confirmar os ensinamentos [de Jesus] exemplificando-os e mostrando-nos que os grandes no mundo dos Espíritos são os que foram pequenos na Terra, e frequentemente são bem pequenos lá aqueles que foram os maiores e os mais poderosos na Terra. [11]

Com isso fica claro que os textos que se dizem evangélicos na obra de Allan

Kardec já não são mais evangélicos, são apenas espíritas. O espiritismo não parte do Evangelho, porque apenas o usa e acrescenta a ele elementos criados pela doutrina espírita. O grande problema está no fato de que o espiritismo se apresenta como uma revelação que está no mesmo nível da Bíblia. Para Kardec a Lei do Antigo Testamento é a primeira revelação e está personificada em Moisés; a segunda revelação é a do Novo Testamento, personificada em Cristo; o espiritismo é a terceira revelação da Lei de Deus. O espiritismo não foi personificado em nenhum indivíduo, pois ele é o produto do ensinamento dado, não por um homem, mas pelos espíritos, que são as vozes do céu, em todos os pontos da Terra, servindo-se para isso de uma multidão incontável de médiuns. [12]

E eis aqui mais uma diferença importante entre espiritismo e cristianismo: Não há no espiritismo lugar para a ideia de uma Bíblia inspirada. [13]Um seguidor da escola kardecista, Léon Denis (1846-1927), deixou claro que a Bíblia apresenta um "Deus quimérico":

> A Bíblia não poderia ser considerada a palavra de Deus nem uma revelação sobrenatural. O que se deve nela ver é uma compilação de narrativas históricas ou legendárias, de ensinamentos sublimes, de par com pormenores às vezes triviais. Quanto aos evangelhos, eles estão cheios de contradição. O bom deles seria o seu lado secreto, cujo significado a igreja primitiva possuía, mas preferiu dissimulá-lo cuidadosamente; pouco a pouco veio ele a se perder. [14]

Embora Allan Kardec cite e comente frases de Jesus Cristo, ele seleciona textos de seu interesse, e os explica de forma isolada. E quando os explica, ele o faz a partir de uma leitura tão livre (em termos alegóricos) que não encontra respaldo na lógica do texto nem na história da interpretação deste texto. Contudo, ninguém tem o direito de desfigurar o texto original para fazê-lo dizer o que não disse. Se alguém se propõe a fazer uma interpretação da Bíblia, deve se limitar a interpretá-la, e não negá-la, dizendo que a está afirmando. Se a Bíblia é legendária, para que citá-la tanto, então?

A questão existencial, contudo, é outra: O que fazer com a Bíblia? Havendo contradição entre os ensinos do espiritismo e a Bíblia, quem merece crédito? A dificuldade de conciliar os ensinos bíblicos e a doutrina espírita se mostra clara, quando se comparam os dois ensinos. A comparação demanda uma decisão: Por qual desses ensinos vale a pena viver, já que ambos na verdade não se complementam, mas de fato se contradizem? É este o campo onde se trava a real batalha.

Um testemunho recente pode nos ajudar a compreender o dilema. Um

brasileiro, espírita e professor de espiritismo, começou a estudar a Bíblia com os cristãos para enriquecer suas aulas. Vejam o que ele mesmo conta:

> Fui designado para ministrar aulas da parte evangélica e senti que elaborar os ensinamentos apenas com base no livro "O Evangelho segundo o Espiritismo" estava sendo insuficiente. Tentei robustecer as explicações com os textos da Bíblia, mas tive um pouco de dificuldade de entender, por causa da sua linguagem, que me parecia um tanto complexa.
>
> Desde os primeiros estudos da Bíblia, sempre escutei atento e em silêncio, não apenas para evitar entrar em polêmicas ou questionamentos, mas também porque queria estar afastado de qualquer conceito preconcebido. Tinha, com efeito, a intenção sincera de ouvir, refletir e aprender, antes de pretender discordar de alguma interpretação que destoasse dos fundamentos espíritas. No entanto, após dois meses de aulas, comecei a perceber conflitos entre os textos bíblicos e os ensinamentos da doutrina espírita. Isso nada tinha a ver com interpretação, mas com a própria essência dos princípios. Sentia-me um tanto desconfortável, pois era difícil compreender e aceitar a existência de tais conflitos. Afinal, não é fácil abalar convicções formadas ao longo de dezesseis anos, calcadas na certeza da plena sintonia entre o espiritismo e a Bíblia.
>
> A princípio, tentei me convencer de que a Bíblia teria uma linguagem figurada, agora complementada ou explicada pela doutrina espírita. No entanto, as divergências, como eu disse, atingiam o fundamento e o cerne. O que estaria certo?
>
> Tive de refletir bastante para chegar à conclusão de que se a doutrina espírita estava alicerçada na Bíblia, então ao derrubar a vigência das palavras da Bíblia como fundamento da doutrina, isso derrubaria a própria doutrina. Seria como se tirasse o chão de onde a casa estava construída. Já a recíproca não era verdadeira, ou seja, renegar a doutrina espírita não implicava em abater a Bíblia, mas, ao contrário, dar-lhe a perfeita aplicação. Portanto, a principal mensagem que quero levar aos meus amigos espíritas é: "Estudem a Bíblia". Como podem, assim como eu fiz, acreditar num livro chamado "Evangelho Segundo o Espiritismo", se jamais estudaram o EVANGELHO, ou seja, o original que deu "base" ao derivado? Não precisam e nem devem simplesmente acreditar no relato descrito por mim, mas precisam e devem estudar (não apenas ler) a Bíblia. [15]

Uma vez que um espírita leia a Bíblia, considerando-a como a Palavra revelada de Deus, perceberá as contradições profundas e irreconciliáveis entre seu credo e o credo bíblico e terá que fazer uma escolha. Se, no entanto, achar que a Bíblia é um livro legendário e quimérico, continuará com Allan Kardec e seus seguidores.[16]

Um cristão e um espírita poderão dialogar sobre suas crenças? Sim, desde que ambos considerem a Bíblia como a única fonte da verdade. Sem este pressuposto, o diálogo se tornará impossível, pois nenhum ouvirá o que outro tem a dizer. Para se tornar espírita, um cristão terá que *abrir mão da Bíblia* como a revelação de Deus para a sua vida. Para se tornar cristão, um espírita terá que *abrir a Bíblia* como a revelação de Deus para a sua vida e deixar somente Deus falar, e não um ser humano, pois na Bíblia Deus fala diretamente, sem intérpretes. Os intérpretes (quaisquer intérpretes) podem ser úteis, mas precisam

ser lidos criticamente. Não podem dizer o que a Bíblia não disse, pois, como qualquer intérprete, não podem alterar, nem para mais nem para menos, o que o texto interpretado diz. Como disse o apóstolo Paulo a esse respeito:

> Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!
>
> Acaso busco eu agora a aprovação dos homens ou a de Deus? Ou estou tentando agradar a homens? Se eu ainda estivesse procurando agradar a homens, não seria servo de Cristo.
>
> Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana. Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; ao contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação (Gálatas 1.8-11).

As palavras de Paulo são duras de ouvir, mas contêm verdades que não podem ser ignoradas:

- Primeiro, afirmam que só há um evangelho, o evangelho anunciado na Bíblia;
- Segundo, deixam clara a fonte do evangelho anunciado na Bíblia: Ele não é de origem humana, mas sim revelado em Jesus Cristo, sendo ele o próprio Deus em forma humana.

O espiritismo, por sua vez, baseia-se nos seguintes pressupostos:

- Primeiro, afirma a existência de um outro evangelho, o evangelho segundo a interpretação dada a ele por Allan Kardec;
- Segundo, deixa claro que a fonte desse evangelho é de origem humana, pois se baseia no pensamento de Kardec.

Portanto, vemos que o espiritismo e o cristianismo brotam de duas fontes completamente diferentes, e água que brota de duas fontes diferentes não pode ser considerada a mesma água. Eis o motivo pelo qual um espírita não pode afirmar que a sua religião é cristã.

3

PARA QUE O DIÁLOGO SEJA POSSÍVEL

Como já dissemos, para que um cristão e um espírita possam dialogar sobre suas crenças é preciso que ambos considerem a Bíblia como a única fonte da verdade. Mas será que as doutrinas espíritas podem ser consideradas bíblicas? Será que elas foram desenvolvidas a partir da Bíblia? E quanto aos ensinos cristãos, qual é o lugar que a Bíblia ocupa neles?

Jesus era um profundo leitor das Escrituras (no caso dele, do Antigo Testamento, obviamente). Diz ele que os que se enganam o fazem "porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus!" (Mateus 22.29). Portanto, aceito o pressuposto da veracidade das Escrituras (ou seja, da Bíblia como a única fonte da verdade, por causa daquele que a inspirou), vejamos o que a própria Bíblia diz sobre si mesma.

O valor da Bíblia é inestimável: "Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança" (Romanos 15.4).

O conteúdo da Bíblia foi inspirado por Deus. Deve-se saber que "nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo" (2Pedro 1.20-21).

O que a Bíblia ensina sobre Jesus Cristo? Ela mesma responde, pela voz do apóstolo Paulo: "Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras" (1Coríntios 15.3).

O QUE A BÍBLIA NOS DIZ SOBRE O EVANGELHO

A Bíblia (e não quaisquer outros intérpretes, fontes nem experiências) tem que ser o ponto de partida de onde se derivam as certezas (crenças e compromissos),

para que o diálogo entre cristãos e qualquer outro credo não-cristão se torne possível, ainda que seja difícil.

A dificuldade reside primeiramente na aceitação da Bíblia como ponto de partida desse diálogo. No entanto, felizmente os cristãos não têm outro ponto de partida senão a Bíblia. Por isso, as interpretações dentro da mesma expressão de fé cristã podem até diferir um pouco num ponto ou noutro, mas jamais discordam sobre as questões essenciais. O que a Bíblia diz sobre o evangelho, apresentado pelo próprio Jesus Cristo e também por seus apóstolos, não deixa dúvidas sobre o que o evangelho é. Não há outro evangelho (Gálatas 1.6) exceto o evangelho de Jesus Cristo, que por sua vez não é simplesmente um revelador de Deus, porque ele é o próprio Deus em forma humana. Jesus Cristo é o Deus que se revela plenamente. Portanto, qualquer outro evangelho que não seja o de Deus, revelado somente em e por Jesus, deve ser rejeitado, mesmo que pregado por um suposto anjo (Gálatas 1.8).

Se somente a Bíblia (e absolutamente nada mais, nenhuma outra fonte) pode ser aceita como a revelação de Deus, notamos que o espiritismo, embora prometa realizar as promessas de Cristo, é de fato outro evangelho, pois a essência de sua doutrina não se encontra na Bíblia em si, mas sim nas palavras de Allan Kardec. Embora o prometa, ele não facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo da Bíblia, nem dá a fé inabalável e esclarecida àqueles que duvidam ou vacilam.[17]

A RECUSA ÀS IDEIAS DO PECADO E DA SALVAÇÃO POR JESUS CRISTO

Jesus principia sua pregação anunciando que as pessoas precisam se arrepender dos seus pecados e crer no evangelho (que, em português significa boas novas). O historiador bíblico registra assim as palavras de Jesus:

> "O tempo é chegado", dizia ele [Jesus Cristo]. "O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!" (Marcos 1.15).

Em outra passagem, Jesus diz:

> "Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento" (Lucas 5.32).

Em outras palavras, Jesus diz que não veio chamar os que se consideram justos, mas veio chamar ao arrependimento aqueles que sabem e reconhecem que são pecadores. O evangelho, portanto, é uma oferta de perdão. O apóstolo

Pedro, no nascimento da Igreja cristã, semanas após a ascensão de Jesus Cristo, captou a mensagem de Jesus e a colocou em prática, ao convidar os presentes à reunião a tomar uma atitude, nos seguintes termos:

> "Arrependam-se, pois, e voltem-se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados" (Atos 3.19).

Contudo, a doutrina espírita rejeita totalmente essa ideia do pecado. Segundo a análise de Kardec, os defeitos atuais que carregamos são resquícios das imperfeições que trazemos de existências anteriores. Seria uma espécie de pecado original do qual é possível se livrar por vontade própria e com a assistência de bons espíritos. [18] Os pecados cometidos são, portanto, imperfeições das vidas passadas que devem ser superadas (por expiação própria) para a purificação. [19]

Diferentemente do que a Bíblia diz: "Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1.29), o espiritismo não aceita que Jesus tira o pecado do mundo. Na prática o que ocorre é a negação do pecado pelo espiritismo, para quem a palavra pecado não representa em si nada mais do que um conceito confuso. A violação da lei acarreta a cada ser humano um amesquinhamento moral, uma reação da consciência, que causam o sofrimento íntimo e uma diminuição das percepções animais. Assim, o ser pune-se a si mesmo. Deus não intervém, porque Deus é infinito; nenhum ser seria capaz de lhe causar o menor mal.

Enquanto a Bíblia diz que todos pecaram e precisam da graça de Deus (Romanos 3.23), o espiritismo garante que não há necessidade de salvar a ninguém, uma vez que todos estão salvos, pois todos foram destinados à perfeição e terão tantas oportunidades de reencarnação quantas forem necessárias para que atinjam essa meta. E dependendo do esforço que estejam empreendendo na direção adequada, poderão atingi-la mais ou menos rapidamente, com mais ou menos sofrimento. Na verdade, de acordo com a perspectiva espírita, o pecado nem mesmo existe. [20]

Não existe sequer a ideia de salvação da forma como o evangelho de Jesus Cristo a apresenta. No espiritismo, salvar-se "é aperfeiçoar-se espiritualmente", para que a pessoa não caia "em estados de angústia e depressão" após a morte. Salvar-se é "libertar-se dos erros, das paixões insanas e da ignorância". Como escreveu Chico Xavier:

> Salvação é a libertação e preservação do espírito contra o perigo de maiores males, no próprio caminho, a fim de que se confie à construção da própria felicidade, nos domínios do bem, elevando-se a passos mais altos de evolução. [21]

O homem, portanto, não é salvo por Jesus Cristo, mas se salva a si mesmo. O espiritismo descreve o papel de Jesus na salvação na função de um mediador, isto é, um intermediário, um médium incomparável, traço de união que liga a humanidade a Deus. Jesus é um mediador, mas não o redentor, porque para o espiritismo a ideia de redenção não se sustenta: É contrária à justiça divina; é contrária à ordem majestosa do universo.[22] Por isso, então, a missão do Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da humanidade. O sangue, mesmo que fosse de um Deus, não seria capaz de resgatar a ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. Ninguém além da própria pessoa poderia fazer isso.

Diante dessas afirmações fica claro que "a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus" (1Coríntios 1.18).

É por isso que os apóstolos podem nos ensinar, nas Escrituras, que em Jesus "temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus" (Efésios 1.7). Merece destaque com letras garrafais a lembrança do apóstolo Paulo: "Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver, transmitida por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus" (Romanos 3.24). Como disse John Stott:

> O pecado provocou a separação; a crucificação de Cristo trouxe a reconciliação. O pecado produziu inimizade; a cruz nos trouxe a paz. O pecado criou um abismo entre o homem e Deus; a cruz construiu uma ponte entre eles. O pecado quebrou a comunhão; a cruz a restaurou. [23]

A ANUNCIADA INSUFICIÊNCIA DO ARREPENDIMENTO

Diante de tudo isso que acabamos de explicar, o discurso inaugural de Jesus — arrependam-se — torna-se sem sentido para o espiritismo. Segundo Allan Kardec, o arrependimento "é apenas a preliminar indispensável à reabilitação, mas não é o bastante para libertar o culpado de todas as penas". [24]Complementa um intérprete da doutrina espírita:

> O arrependimento não é a remissão total da dívida, é a faculdade, o caminho para redimi-la. E é nisso que consiste, segundo o código de Kardec, o perdão do Senhor. [25]

Para Roustaing, outro intérprete da doutrina espírita, o arrependimento é

entendido da seguinte maneira:

> O arrependimento é, com efeito, um meio de chegar ao fim, de chegar à expiação produtiva, à atividade nas provações, à perseverança no objetivo. (...) Todavia, o Espírito culpado não pode avançar, senão mediante a reparação.[26]

Por isso, Chico Xavier ensina que o arrependimento é caminho para a regeneração e nunca passaporte direto para o céu.[27] Contudo, o apóstolo Paulo testificou que as pessoas "precisam converter-se a Deus com arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus" (Atos 20.21). Arrependimento e fé são duas faces de uma mesma moeda; um não existe sem o outro. Arrependimento sem fé é apenas admissão de culpa. Arrependimento com fé é admissão de culpa, tristeza pelo pecado cometido, disposição de não pecar mais e a oração por vitória sobre o pecado.

É o Espírito Santo que convence o homem do pecado e da necessidade de arrependimento (João 16.18). O arrependimento, que implica a disposição de não pecar mais, é tudo o que o homem pode fazer, e é também a única coisa. O arrependimento é a tristeza diante do pecado cometido, algo que o próprio Deus coloca no coração do ser humano (2Coríntios 2.7-10).

PARA POSSIBILITAR O DIÁLOGO

Como já dissemos, a Bíblia (e não quaisquer outras fontes nem experiências) tem que ser o ponto de partida de onde se derivam as certezas (crenças e compromissos), para que o diálogo entre cristãos e qualquer outro credo não-cristão se torne possível, ainda que seja difícil.

No entanto, como acabamos de ver, o diálogo entre espiritismo e cristianismo se torna impossível, pois ambos partem de pontos e fontes diferentes. O ponto de partida do espiritismo é a doutrina de Allan Kardec, enquanto o ponto de partida do cristianismo é a Bíblia. Para que esse diálogo se torne possível é preciso que ambos abram a Bíblia e deixem-na falar.

4

JESUS CRISTO, MESTRE E MODELO OU SALVADOR?

Crer no evangelho de Cristo, portanto, é ter fé no Senhor Jesus. Mas quem é Jesus? Ele mesmo se apresenta no Evangelho de João:

> Eu sou o Messias! Eu, que estou falando com você (João 4.26).
>
> Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede (João 6.35).
>
> Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andará em trevas, mas terá a luz da vida (João 8.12).

Um autor espírita deixa bem claro que "como filho, ele, Jesus, não é Deus e sim espírito criado por Deus e espírito protetor e governador do planeta terreno, tendo recebido de Deus todo o poder sobre os homens, a fim de levá-los à perfeição; que foi e é, entre estes, um enviado de Deus e que aquele poder lhe foi dado com esse objetivo, com esse fim". [28]

Divaldo Franco, outro seguidor da doutrina espírita, elege a pessoa de Jesus como o maior exemplo de entrega a Deus, como uma "lição viva e incorruptível de amor em relação à humanidade". Nessa condição, ele "mergulhou no corpo físico e dominou-o totalmente com o seu pensamento, utilizando-o para exemplificar o poder de Deus em relação a todas as criaturas, tornando-se o médium por excelência, na condição de Cristo que o conduziu e o inspirava em todos os pensamentos e atos".[29]

Nas Escrituras, no entanto, aprendemos que Jesus não apenas ensina a verdade. Ele *é* a verdade. Ele disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14.6). Jesus não é apenas mensageiro de Deus. Ele *é Deus*.

> Pois, da mesma forma como o Pai tem vida em si mesmo, ele concedeu ao Filho ter vida em si mesmo (João 5.26).[30]

> Eu tenho um testemunho maior que o de João; a própria obra [obra da redenção, que completa a criação] que o Pai me deu para concluir, e que estou realizando, testemunha que o Pai me enviou (João 5.36).

Eis outro texto que não deixa dúvida quanto à divindade de Jesus.

> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na Terra quanto as que estão nos céus, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz (Colossenses 1.15-20).

Jesus não foi simplesmente um homem (ou espírito) que evoluiu. Na verdade, ele é o Deus que se rebaixou à forma humana (Filipenses 2.6-11). Esse é o Jesus das Escrituras. Diante disso, não podemos fugir à pergunta: Quem merece nossa confiança, as afirmações que Jesus Cristo fez de si mesmo na Bíblia ou as considerações interpretativas que o veem apenas como um mestre da moral ou um ser evoluído?

> Cada um de nós tem que optar por uma das alternativas possíveis. Ou [Jesus] era, e é, o Filho de Deus, ou então foi um louco, ou algo pior. Podemos contra-argumentá-lo, taxando-o de louco, ou cuspir nele e matá-lo como um demônio; ou podemos cair a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não venhamos com nenhuma bobagem paternalista sobre Ele ser um grande mestre humano. Ele não nos deu esta escolha.[31]

A CONFISSÃO QUE SE FAZ IMPRESCINDÍVEL

A Bíblia nos ensina que Jesus somente é compreendido através da fé: "todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho" (2João 1.9, 1João 2.23). O espiritismo, contudo, vai além do ensino de Cristo. A noção de pecado é um exemplo disso, entre tantos outros, pois a Bíblia é solene quando garante que não temos justiça própria, porque a justiça que salva é a "que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé" (Filipenses 3.9).

É este Jesus que precisa ser confessado, e não outro. Ser cristão é confessar a fé em Jesus Cristo, e confessar a fé em Jesus Cristo é crer que ele é o Salvador, isto é, que Jesus Cristo é Deus e que morreu na cruz no lugar de toda a

humanidade: “Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores” (Romanos 5.8).

A salvação não vem das ações humanas (ações de caridade), de modo que ninguém pode se orgulhar da sua salvação ou da própria bondade. A justificação (ser tornado justo, no sentido de alcançar perdão e purificação dos pecados) é algo que acontece gratuitamente, pela graça de Jesus, graça que redime, ou seja, graça que, ao ser concedida na cruz, elimina a culpa (Romanos 3.24).

Por isso, a cruz de Cristo é a única base sobre a qual Deus pode perdoar os pecados.[32] Por pecarmos contra o próximo, devemos perdoar uns aos outros. Se Deus espera isso de nós, que somos humanos, por que Ele não deveria praticar o que prega? Por que Ele deveria ser menos generoso do que espera que sejamos?[33] Assim, quando Jesus morreu na cruz, o próprio Deus, em Cristo, recebeu sobre si o julgamento que toda humanidade merecia, a fim de conceder o perdão que ninguém merece. A pena plena pelo pecado foi paga — não por um homem pecador, mas por Deus, em Cristo Jesus. Na cruz o amor e a justiça divinos foram reconciliados.[34]

Dessa forma, na cruz, a reconciliação com Deus foi realizada mediante a morte do seu Filho (Romanos 5.10). Deus resgatou seus filhos do domínio das trevas e transportou-os para o reino de Jesus, “pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz” (Colossenses 1.19-20).

Apesar de não ser isso que Kardec ensina, ele assume que as bases da sua doutrina estão assentadas no Evangelho, e afirma que dele nada suprime, mas completa e elucida.[35] A confissão de fé feita por Allan Kardec é a seguinte:

> Crer num Deus Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom;
>
> Crer na alma e em sua imortalidade;
>
> na preexistência da alma como única justificativa do presente;
>
> na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral;
>
> na perfectibilidade[36] dos seres mais imperfeitos;
>
> na felicidade crescente na perfeição;
>
> na equitativa remuneração do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo as suas obras;
>
> na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura;
>
> na duração da expiação limitada à da imperfeição;
>
> no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal;

Crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível;

na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados;

Considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterno;

Aceitar corajosamente as provações, tendo em vista um futuro mais invejável que o presente;

Praticar a caridade em pensamentos, em palavras e em ações na mais larga acepção da palavra;

Esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando toda imperfeição de sua alma;

Submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega;

Respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém;

Ver, enfim, nas descobertas da Ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus:

Eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal. [37]

De modo mais sintético, podemos dizer que o espiritismo propõe dois tipos de crenças: crenças comuns às demais religiões em geral e crenças bastante particulares. No que diz respeito às crenças comuns, o espiritismo afirma os seguintes postulados:

Crê na existência de Deus;

Valoriza a razão, tendo como corolário a defesa da liberdade religiosa;

Estimula a prática da caridade e de uma vida moralmente irrepreensível.

A fé cristã não tem qualquer dificuldade em afirmar esses postulados. O cristianismo crê na existência do Deus Todo-poderoso e amoroso, justo e bom. Valoriza a razão e as descobertas científicas. Respeita o direito de todas as pessoas professarem a religião que entendem ser verdadeira, sem restrição de espécie alguma. Crê no amor ao próximo, com todas as difíceis consequências, e no compromisso com uma vida digna do evangelho, uma vida que dê frutos que evidenciem o arrependimento.

No entanto, no que diz respeito às suas crenças particulares, o espiritismo propõe a ideia da eternidade da alma (ou espírito), o que desemboca nos seguintes pressupostos:

1. Existência de reencarnações sucessivas e infinitas, visando a reparação do mal causado na Terra e o aperfeiçoamento do espírito;
2. Continuidade das relações entre os mundos visível e invisível, derivando

daí a comunicação dos mortos com os vivos.

É justamente nessas crenças particulares, específicas do espiritismo que residem as discordâncias viscerais com a fé cristã. E, mais uma vez, gostaríamos de ressaltar um aspecto muito importante: Tais crenças sobre reencarnações sucessivas e infinitas e continuidade entre os mundos visível e invisível não encontram respaldo na Bíblia. As Escrituras não as mencionam em nenhuma de suas páginas. Portanto, se a fé cristã tem como fonte as Escrituras Sagradas, tudo o que nelas não encontrarmos não faz parte da fé cristã e, por consequência, cristão não é nem nunca será.

5

A AUTORIDADE DOS ESPÍRITOS

A autoridade do espiritismo não está pautada na Bíblia Sagrada, como a dos cristãos, mas sim no ensino dos espíritos, entendidos como seres inteligentes da criação que habitam o universo, fora do mundo material, e constituem o mundo invisível. Não são seres oriundos de uma criação especial, são as almas dos que viveram na Terra, ou nas outras esferas, e que deixaram o invólucro corporal.[38] O corpo é visto apenas como uma vestimenta grosseira que reveste temporariamente o espírito, como uma verdadeira cadeia que prende o espírito à gleba terrena e da qual fica feliz em se libertar.[39] Uma vez que alguns já chegaram ao ponto mais elevado da escala deixaram definitivamente os mundos materiais, enquanto outros, pela lei da reencarnação, ainda pertencem ao turbilhão da humanidade terrena.

Segundo Kardec, sem as comunicações dos espíritos não haveria espiritismo. Essa comunicação, fruto da universalidade do ensino dos espíritos, tem o valor de uma obra coletiva, e é por isso mesmo que em tão pouco tempo ela se propagou por toda Terra, cada um recebendo por si mesmo, ou por suas relações íntimas, instruções idênticas e a prova da realidade das manifestações.

A REENCARNAÇÃO

Visando um meio para a reparação do mal causado na vida terrena e o autoaperfeiçoamento do ser, o espiritismo propõe a existência de reencarnações sucessivas e infinitas.

Segundo o espiritismo, um espírito volta várias vezes a habitar um novo corpo carnal sobre a Terra, nasce várias vezes, a fim de tornar a conviver nas sociedades terrenas, como homem, exatamente como uma pessoa é levada a trocar de roupa muitas vezes.[40]

A reencarnação como lógica. Na visão de Allan Kardec, a reencarnação é o

processo pelo qual o espírito, que é livre no mundo espiritual, vem ao mundo para aprender. Segundo o espiritismo, Deus impõe aos espíritos a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, ela é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. A encarnação visa ainda outro fim: o de deixar o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação.[41]

A reencarnação é oferecida como necessidade absoluta, como condição inseparável da humanidade; em uma palavra, como lei natural. As sucessivas reencarnações justificam todas as desigualdades e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta.[42]

A lógica da justiça de Deus fica demonstrada com a punição; ele não pune o bem que se faz e nem o mal que não se faz; se a punição ocorre, é porque o mal foi cometido; se não foi cometido nesta vida, seguramente o foi em outra. Assim, o homem nem sempre é punido, ou completamente punido, em sua existência presente, mas jamais escapa às consequências de suas faltas. A prosperidade do homem mau é apenas momentânea; se não for punido hoje, ele o será no amanhã, e, sendo assim, aquele que sofre está expiando os erros do seu passado. Desse modo, por meio da pluralidade das existências e da destinação da Terra como mundo expiatório, explicam-se os absurdos que retratam a divisão da felicidade e da infelicidade entre os bons e os maus neste mundo. Se a base da sua crença estiver firmada nestes postulados, de modo a incluir uma série de existências, compreende-se então que cada um tem o que merece, sem prejuízo do que lhe está reservado no mundo dos espíritos, e que a justiça de Deus nunca falha. O homem não deve se esquecer de que está num mundo inferior, ao qual está preso devido às suas imperfeições.

Quando o homem nasce, traz consigo aquilo que adquiriu. Cada existência é para ele um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi. Se sofrer punição, é porque fez o mal. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que castigam, e provas que servem de preparo para o futuro. Graça seja rendida a Deus que, em sua bondade, garante ao homem a oportunidade da reparação e não o condena irremediavelmente pela primeira falta. Ao longo das suas diversas existências corporais é que os espíritos se livram, pouco a pouco, de suas imperfeições.[43]

A certeza do espiritismo é que a reencarnação é a única forma que corresponde à ideia concebida da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar

esperanças, pois oferece os meios de resgate dos erros por meio de novas provações.[44]

Na compreensão de Denis,[45] a reencarnação afirmada pelas vozes do além-túmulo é a única forma racional para admitir a reparação das faltas cometidas e a evolução gradual dos seres. Sem ela, não se vê sanção moral satisfatória e completa; não há possibilidade de conceber a existência de um Ser que governe o universo com justiça.

Para Allan Kardec, a reencarnação está demonstrada na Bíblia, ao contrário do que afirmam as leituras cristãs tradicionais. Assim, por exemplo, a promessa de Jesus das bem-aventuranças aos aflitos, pois serão consolados, deixa claro que os sofrimentos são como crises salutares que levam à cura; é a purificação que garante a felicidade nas existências futuras.[46]

Quando a Bíblia diz que o Espírito sopra onde quer, ela demonstra que se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo em que o corpo se saberia de onde veio, uma vez que se conheceria seu começo. De qualquer modo, para os espíritas esta passagem é a confirmação do princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, da pluralidade das existências. Assim, para a doutrina espírita, negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo.[47]

Crítica à ideia da reencarnação. O uso que Allan Kardec e os demais autores espíritas fazem da Bíblia é bastante particular. Vejamos alguns textos para essa análise:[48]

> João 3.3,7 — Kardec insiste que a expressão "nascer de novo" comporta a ideia de sucessivas reencarnações. No entanto, quer o texto seja interpretado literalmente ou metaforicamente, fica claro que Jesus está mostrando a Nicodemos a necessidade de um nascimento espiritual, não biológico.
>
> Mateus 11.14; 17.11-13 — Esses textos fazem referência a João Batista que viria com uma missão bem semelhante à de Elias, o que levou alguns autores espíritas a extrair daí que João seria uma reencarnação de Elias. Quem lê os Evangelhos nota que o próprio João Batista acabou com a possibilidade dessa interpretação, quando disse taxativamente que não era Elias (João 1.21). João era um profeta do mesmo estilo de Elias, somente isso.
>
> João 9.1-3 — Os discípulos perguntaram a Jesus, diante de um cego, quais eram as causas de sua doença, quem havia pecado: se ele ou seus pais. Com base nisso, os defensores da reencarnação deduzem que os discípulos criam nessa doutrina. No entanto, nesta passagem os discípulos pensavam em algo mais próximo da maldição hereditária, e não em reencarnação. Em sua resposta, Jesus rechaçou as ideias do carma e da reencarnação.

Para professar a doutrina da reencarnação, é preciso aceitar que a alma (ou espírito) preexiste ao ser humano, isto é, que o espírito vaga no espaço (ou

permanece em algum depósito) e num determinado momento entra no corpo de uma pessoa. O corpo é apenas o invólucro do espírito (ou alma). Conquanto esta ideia esteja em Platão e em religiões anteriores ao cristianismo, não há evidência na Bíblia dessa preexistência. A alma surge com o surgimento da vida. Não preexistia. Todos os seres humanos são criados. Somente Deus é eterno. O apóstolo Paulo escreveu: "Deus é o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que é imortal e habita em luz inacessível, a quem ninguém viu nem pode ver. A ele sejam honra e poder para sempre. Amém" (1Timóteo 6.15-16).

Quanto à vida futura, a doutrina espírita defende que há de se concordar que, após a morte, o espírito permanece num estado de "erraticidade", vivendo "no plano espiritual", em cidades compostas de estruturas próprias, enquanto se prepara para novas encarnações. No entanto, a Bíblia diz que os mortos nada sabem e nada fazem, como aprendemos em Eclesiastes 9.5-6.[49]

Para defender a doutrina da reencarnação, é preciso recusar a realidade da ressurreição, ensinada e mostrada na Bíblia, pois a pedra fundamental do espiritismo é que não há morte, mas apenas desencarnação. Continua-se vivo, encarnando e desencarnando, indefinidamente, até atingir a perfeição. Pela doutrina espírita, não há somente uma morte, mas várias e indefinidas mortes, assim como não há somente um juízo, mas vários, de certa forma, já que a cada vez que alguém desencarna há uma definição do novo destino ou da nova vida que o espírito vai seguir em direção a uma almejada perfeição.[50]

A leitura de Hebreus 9.27-28 é totalmente esclarecedora nesse aspecto: "Da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo, assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá uma segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam". O destino do homem é a morte, única na sua experiência, e depois virá para ele o juízo final, que acontecerá no último dia (João 6.54), e não numa sucessão interminável de dias. Em outras palavras, o ser humano nasce somente uma vez, vive somente uma vez, morre somente uma vez e é julgado somente uma vez.

Se a reencarnação, segundo a doutrina espírita, acontece múltiplas vezes, em corpos diferentes, em corpos mortais, a ressurreição, segundo a Bíblia, acontece uma vez, no mesmo corpo, num corpo imortal. A Bíblia é bem clara em relação a isso. Ela traz uma história contada por Jesus, na qual ensina que, quando uma pessoa vai para o seu destino, há um abismo intransponível entre os dois mundos (Lucas 16.26). Paralelamente, essa passagem reafirma o conceito da ressurreição

e da impossibilidade da comunicação com os mortos, quando, no texto, Abraão nega ao homem rico a possibilidade de enviar alguém que já havia morrido para falar com os vivos. E vai mais além, dizendo que os vivos não ouviriam, "mesmo que alguém *ressuscite dentre os mortos*" (Lucas 16.31b, grifo nosso, A21). Em outras palavras, a passagem está dizendo que Abraão não poderia enviar um morto para falar aos vivos, para que eles se arrependessem, por dois motivos: primeiro, porque os vivos já tinham as Escrituras (Moisés e os Profetas), que as ouvissem, então (Lucas 16.29); segundo, porque, mesmo se alguém dentre os mortos ressuscitasse para falar com os vivos, eles não o ouviriam. Ora, se a argumentação do texto das Escrituras trabalha com a ideia de ter que ressuscitar um morto para poder falar aos vivos, a conclusão é uma só: mortos não falam.

Voltando aos ensinos do espiritismo, para viver de acordo com a doutrina da reencarnação é preciso estar convencido de que o ser humano tem uma tendência de se aprimorar moralmente. No entanto, não há evidência irrefutável de que qualquer melhoria moral significativa tenha ocorrido durante os milhares de anos que a humanidade já viveu.[51]

Para aceitar a doutrina da reencarnação é necessário conviver com a ideia da culpa pelo sofrimento e com o conceito de se continuar culpado e merecedor de punição. Contudo, a Bíblia ensina que todos são culpados pelos pecados que cometerem, mas o perdão completo é oferecido, se o pedido de perdão for feito a Deus com a disposição de não pecar novamente. Ou seja: A punição não aperfeiçoa; Deus é quem aperfeiçoa o homem.

Na verdade, a reencarnação não resolve o problema do sofrimento. Diante de um bebê com uma doença crônica, um cristão diz que não sabe por que isso lhe aconteceu, enquanto o espírita diz que esse bebê está pagando pelo que fez numa vida passada, embora não se lembre dela. Assim, os inocentes não são realmente culpados, pois é o carma das vidas passadas que está causando o sofrimento.[52]

Para aceitar a doutrina da reencarnação, é preciso, então, aceitar o conceito kardecista de carma e negar o conceito bíblico do valor expiatório da morte de Jesus (isto é, o fato de Jesus ter morrido em lugar do ser humano para expiar os pecados cometidos pelo homem). A reencarnação precisa do conceito do carma, segundo o qual o que uma pessoa semear nesta vida pagará na próxima. Para a doutrina espírita, o carma é uma lei inexorável, que não admite exceções. Pecados não podem ser perdoados; devem ser punidos. Se alguém não paga por eles nesta vida tem que pagar na próxima. Para o cristianismo, diferentemente, o perdão é possível. O próprio Jesus perdoou aqueles que o crucificaram.[53]

Pela crença espírita, ninguém escapa à lei do progresso, pela qual cada um será recompensado segundo o seu merecimento real e ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos que encontrem pelo caminho.[54] O conselho de Allan Kardec é o seguinte:

> Façamos, pois, todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor, em um desses mundos privilegiados, onde não nos lembraremos da nossa passagem por aqui, senão como de um exílio temporário.[55]

Portanto, uma escolha deve ser feita entre o carma e a graça, entre o mérito e a cruz. A cruz torna a reencarnação completamente desnecessária. O homem não precisa pagar pelos seus pecados. Jesus já fez este pagamento na cruz. Ele não morreu em vão. Ele morreu para que pudéssemos ser perdoados, não por nosso esforço, mas como um presente da graça. A reencarnação, porém, anula o sacrifício de Jesus na cruz.

Se, como propõe o espiritismo, é a própria pessoa que paga por seus pecados (através do "resgate" verificado ao longo das reencarnações) e cresce, até adquirir o direito ao convívio com Deus por ter atingido a perfeição, então Jesus não quitou nossos pecados com sua morte na cruz, não é nosso intercessor único junto ao Pai e não virá nos buscar no dia da execução do juízo, até porque nem juízo final haveria.[56] Para acreditar nisso, contudo, somente deixando de lá tudo o que a Bíblia nos ensina.

6

A MEDIUNIDADE

Segundo Allan Kardec afirmou, a comunicação entre os dois mundos (o mundo corporal, material ou visível e o incorpóreo, imaterial ou invisível) é uma premissa básica do espiritismo, que seria apenas um espiritualismo irreal e duvidoso se ele a negasse ou repudiasse.[57] A mediunidade, portanto, é a fonte primordial da doutrina espírita.

Uma vez que as almas estão por toda parte, de acordo com a lógica espírita, não será natural acreditar que um ente que foi tão amado durante a sua vida se acerque de alguém próximo e, desejando se comunicar com algum parente vivo, sirva-se para isso dos meios de que disponha? Enquanto estava vivo, ele não atuava sobre a matéria de seu corpo físico? Não era ele quem lhe dirigia os movimentos? Por que razão, depois de morto, se entrasse em sintonia com outro espírito ligado a um corpo físico, estaria ele impedido de se utilizar deste corpo vivo para exprimir seu pensamento, assim como um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale para se fazer compreendido?[58]

Essa mediunidade, segundo crê Allan Kardec, é dada a todos, a fim de que os espíritos possam levar a luz a todas as camadas. Ela é um gesto da bondade de Deus, que coloca bons espíritos para ajudar as pessoas, que não precisam ir longe para buscar conselhos.[59]

A mediunidade é o instrumento de comunicação entre os dois planos de vida e, no mesmo plano material, é um poderoso vetor de transmissão educacional, fonte de orientação, aconselhamento, ânimo, instrução, advertência e correção.

> A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos, que deixaram antes de nós a Terra. Pela evocação, aproximamo-los de nós, eles vêm colocar-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Cessa assim, por bem dizer, toda separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós, grande satisfação é sabê-los ditosos, informar-nos, por seu intermédio, dos

> pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nos iremos a eles juntar.[60]

Kardec crê que os espíritos vêm ao encontro da alma por quem nutrem afeto. Ao fazê-lo, felicitam-na, como quem regressa de uma longa viagem, por haver escapado dos perigos da estrada, e ajudam-na a se desprender dos liames corporais. O fato de vir encontrar os que os amam é uma graça concedida aos bons espíritos, ao passo que aqueles espíritos que se acham maculados permanecem em isolamento, ou têm à sua volta apenas os que são como eles. Isso é uma punição.[61]

Nesse contexto, Allan Kardec afirma que todas as provas estão nas mãos de Deus e há algumas que têm de ser suportadas até o fim; mas Deus sempre leva em conta a resignação. A prece traz para junto da pessoa os bons espíritos e dá forças para suportar as provas com coragem. A prece nunca é inútil, quando bem feita, pois fortalece aquele que ora, o que já é um grande resultado. No entanto, não é possível que Deus mude a ordem da natureza ao sabor de cada um.[62]

INTERPRETAÇÕES DA BÍBLIA

Alguns textos bíblicos costumam ser citados por autores espíritas para validar o fenômeno mediúnico.

Em Gênesis 15.15 lê-se que Abraão se reuniria em paz com seus antepassados e seria "sepultado após uma velhice feliz". Sobre Jacó se diz que "expirou e se reuniu com seus antepassados" (Gênesis 49.33). Jesus se refere àqueles que vão se sentar "à mesa no Reino do céu junto com Abraão, Isaque e Jacó (Mateus 8.11). Diz ele ainda: "E, quanto à ressurreição, será que não leram o que Deus disse a vocês: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos'" (Mateus 22.31-32).

Outros textos citados têm a ver com a recomendação de se discernir os espíritos, como o de 1João 4.1: "Não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus".

A conclusão de um desses autores é a seguinte:

> Não haveria sentido algum dizer que uma pessoa, após a morte, irá se reunir com seus antepassados, se não se acreditasse na sobrevivência do espírito. Além disso, para que ocorra a possibilidade de alguém poder "sentar à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaque e Jacó" teria que ser porque esses patriarcas estão tão vivos quanto nós.[63]

Ora, a expressão "antepassados" aparece em centenas de passagens bíblicas.

Em Gênesis, a ideia de ir aos antepassados é uma clara figura de linguagem para retratar a morte. Não há qualquer regra de interpretação que permita outra leitura. Quanto a Abraão, Isaque e Jacó, Jesus ensina que estão no céu e não em algum depósito de almas. Comparecerão diante de Deus para o apoteótico julgamento final e, enquanto isso não acontece, eles não se comunicam com os seres humanos. É neste sentido que Deus é Deus dos vivos, e não no sentido de que os mortos continuam vivos.

Com relação à palavra "espírito", ela tem vários significados na Bíblia. No caso de discernimento, refere-se a seres humanos, com absoluta certeza (derivada na leitura de todo o Novo Testamento, e não de um versículo isolado), e tem a ver com a percepção das intenções humanas na adoração e no convívio fraternal. Há ainda outro sentido: todas as vezes que Jesus expulsa demônios, ele expulsa espíritos imundos. Em nenhum momento ele fala de espíritos bons. Em outros lugares, Jesus emprega a palavra como sinônimo de consciência.

No que se refere à consulta aos mortos a Bíblia é claríssima. Vejam algumas instruções:

> "Não recorram aos médiuns, nem busquem a quem consulta espíritos, pois vocês serão contaminados por eles. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês" (Levítico 19.31). [64]
>
> "Não permitam que se ache alguém entre vocês que queime em sacrifício o seu filho ou a sua filha; que pratique adivinhação, ou se dedique à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria ou faça encantamentos; que seja médium, consulte os espíritos ou consulte os mortos. O Senhor tem repugnância por quem pratica essas coisas, e é por causa dessas abominações que o Senhor, o seu Deus, vai expulsar aquelas nações da presença de vocês" (Deuteronômio 18.10-12).
> "Quando disserem a vocês: 'Procurem um médium ou alguém que consulte os espíritos e murmure encantamentos, pois todos recorrem a seus deuses e aos mortos em favor dos vivos', respondam: 'À lei e aos mandamentos!' Se eles não falarem conforme esta palavra, vocês jamais verão a luz!" (Isaías 8.19-20).

O que o espiritismo diz sobre essas proibições tão enfáticas? Ele argumenta que, naquele tempo, os espíritos dos mortos eram considerados por muitos como deuses. Por isso, deve-se levar em conta que era necessário manter, a todo custo, a ideia de um Deus único. Moisés sabiamente instituiu a proibição de qualquer evento que viesse a prejudicar essa ideia. As consultas deveriam ser dirigidas somente a Deus e, por forças das circunstâncias, foram proibidas todas as outras. [65] Na mesma linha de explicação, ainda segundo os espíritas, no caso de Saul, seu erro não foi consultar um morto, mas não ter consultado um profeta, como Deus esperava.

Porém, para o cristianismo, no caso específico da mediunidade, os textos

bíblicos que a condenam são extensos e intensos. Deus abomina a mediunidade e a proíbe expressamente, em qualquer circunstância. A Bíblia não discute a existência dessas manifestações, mas as ataca frontalmente. À luz das Escrituras Sagradas, a comunicação com os mortos é uma prática indefensável. Ademais, se a atuação dos médiuns tem a pretensão de traduzir ou interpretar os que os espíritos têm a transmitir, não seria razoável que houvesse na Bíblia uma recomendação para que eles fossem ouvidos, então?[66]

CRÍTICA À PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

Vejam a forma como a própria Bíblia desaprova a prática da mediunidade. A palavra "espírito" (no singular) aparece centenas de vezes na Bíblia, em quase todas se referindo à dimensão interior do ser humano vivo. As variantes encontradas são "espírito maligno" ou "espírito mentiroso". Quanto à palavra "espíritos" (no plural), o termo aparece na Bíblia entre 36 vezes (na versão Almeida Revisada) e 47 vezes (na Nova Versão Internacional), dependendo da versão, em função dos sinônimos empregados.

Vamos utilizar a Nova Versão Internacional como base para a análise dessa palavra. O termo aparece quatorze vezes no Antigo Testamento e trinta e três no Novo Testamento. No caso do Antigo Testamento, das quatorze vezes em que aparece, em onze delas (Levítico 19.31, 20.6, 20.27; Deuteronômio 18.11; 1Samuel 28.3,7, e 9; 2Reis 21.6 e 23.24; 2Crônicas 33.6 e Isaías 8.19) é usado para condenar a consulta a médiuns; em duas (Provérbios 9.18 e Isaías 14.9) para se referir a mortos que se encontravam inativos no devido lugar reservado aos mortos, e em uma delas (Zacarias 6.5) é usado como metáfora para comunicar o poder de Deus em ação.

Das trinta e três referências encontradas no Novo Testamento, treze estão situadas nos Evangelhos (Mateus 8.16, 10.1, 12.45; Marcos 1.27, 3.11, 5.13 e 6.7; Lucas 4.36, 6.18, 7.21, 8.2, 10.20 e 11.26) e todas elas se referem a espíritos malignos que foram expulsos da vida de pessoas por Jesus. Em Atos há três referências (Atos 5.16, 8.7 e 23.8) com esse mesmo sentido.

A mesma palavra é usada de formas bastante distintas. Em três lugares (1Coríntios 12.10, 1Timóteo 4.1 e 1João 4.1) é usada como referência ao dom de discernimento de espíritos, que é o dom de perceber as intenções das pessoas, sendo que a palavra "espíritos" nesses contextos significa a consciência das pessoas vivas, e não outra coisa. Em Hebreus 1.14, a palavra refere-se a anjos, seres enviados por Deus para tarefas específicas, que nunca foram seres humanos. Em Hebreus 12.9, é usada no contexto de um título para Deus. Já em Hebreus

12.23 lembra pessoas santas. Em Atos 23.8 é uma referência à recusa, por parte dos saduceus, da aceitação da dimensão espiritual da vida.

As oito referências restantes estão em Apocalipse. Destas, uma é um título para Deus (Apocalipse 22.6) e indica pessoas vivas que creem em Deus; três delas (Apocalipse 16.13, 14, e 16) se referem a espíritos imundos ou demoníacos que se opõem a Deus; e quatro se referem aos "sete espíritos de Deus" (Apocalipse 1.4, 3.1, 4.5, 5.6), expressão que designa a plena presença de Deus no mundo.

A Bíblia não poderia ser mais clara. Portanto, como a própria Bíblia deixa clara a condenação a essa prática, para aceitar a mediunidade seria necessário admitir que a Bíblia precisa ser complementada e até mesmo contestada. Aqui não está em debate uma questão de divergência na tradução ou interpretação do texto bíblico. Todos os textos, sem exceção, rejeitam a mediunidade como um método divino de se comunicar com os homens. Não há interpretação possível que possa transformar um "não"[67] em "sim". A Bíblia registra que Deus condena a prática da mediunidade, e até mesmo pede a morte para os seus praticantes, tamanho é o poder nocivo que ela tem sobre as pessoas.

Se a mediunidade for aceita, trará na bagagem a reencarnação, doutrina que pressupõe que a alma existe antes de o ser humano ser concebido (preexistência da alma) e vai continuar a existir, independente deste corpo. No entanto, a Bíblia ensina que o ser humano é uma unidade biopsíquica espiritual. O ser humano surge na concepção. Antes da concepção, que é corporificada no nascimento, não existe história. Não existe um lugar onde os espíritos dos mortos habitem para dali voltarem à Terra, seja para se reencarnar, seja para se comunicar com os vivos. O que a Bíblia ensina é que, com a morte, o corpo morre e o espírito vai para o céu. A promessa de Jesus feita na cruz a um condenado junto com ele foi: "Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso" (Lucas 23.43).

Além disso, para que a mediunidade seja aceita, a doutrina bíblica da criação deve ser descartada. Cada ser humano é criado como um ser autônomo, livremente responsável por seus erros e acertos, por sua dignidade e seus pecados. Cada ser humano claramente sofre influências da cultura e do convívio com outras pessoas. Todo homem e mulher são tentados por Satanás, que procura massacrá-los, para desviá-los da santidade que Deus propõe. Mas, ainda assim, a decisão é da pessoa, porque somos chamados a resistir ao seu assédio (Tiago 4.7).

Portanto, para admitir a mediunidade é preciso admitir uma hipótese (que é negada pela própria Bíblia): a hipótese de que não podemos nos comunicar diretamente com Deus e nem ele pode se comunicar diretamente conosco; só assim precisaríamos de intermediários para nos comunicar com ele. Ora, Deus

criou todo homem e mulher à sua imagem e semelhança. Todos pecaram, mas Deus, em sua infinita bondade, ainda se inclina para a humanidade. Não precisamos de intermediários para dirigir a ele a nossa oração. Deus, por sua vez, age como quer e também não precisa de intermediários para falar conosco. Ele fala objetivamente por meio de sua palavra escrita. Ele fala subjetivamente por meio do Espírito Santo, que não é o espírito de uma pessoa morta, mas é (sem metáforas e literalmente falando) o próprio Espírito de Deus.

7

A (IN)COMUNICAÇÃO DOS MORTOS

A crença de que os espíritos dos mortos se comunicam com os vivos através de um intermediário é gêmea do conceito da reencarnação. A ideia de podermos ser consolados por pessoas queridas que partiram é sem dúvida reconfortante. No entanto, ela não é bíblica. Vejamos o que a própria Bíblia diz a esse respeito.

CENTRALIZADO NA BÍBLIA

É muito comum, por exemplo, a crença de que os mortos têm consciência e veem o que acontece no mundo dos vivos. Alguns chegam a crer que os mortos não só veem como podem interagir. É comum vermos um atleta, após uma conquista, dedicar ao pai falecido a sua vitória: "Pai, obrigado pela força que você me deu. Eu senti você ao meu lado o tempo todo".

No entanto, por mais que essa ideia nos pareça simpática, no campo da religião somente é válida aquela que se baseia na revelação divina. Em outras palavras, somente é legítima a doutrina religiosa organizada a partir das páginas da Bíblia, que deve ser interpretada de modo sistemático e respeitoso.

Desde o primeiro século, depois que a última linha da Bíblia foi escrita, ela tem sido lida e interpretada. Essa interpretação ajuda a entender o sentido original do texto, para que seja possível aplicá-la nos dias atuais. Porém, para que seja válida essa interpretação tem que ter apoio interno, apoio de outros textos bíblicos tomados como expressões da revelação divina, isto é, como expressões da comunicação de Deus para com os homens.

Sendo assim, a argumentação não pode ser desenvolvida fora do texto bíblico (não pode cortar coisas ditas no texto, nem acrescentar coisas a ele, nem dizer algo diferente do que ele diz), porque, neste caso, vai fazer com que surja outra pretensa revelação. Quando se deixa de lado estes pressupostos (de que a Bíblia é o veículo por excelência da revelação divina e a interpretação de um texto

bíblico tem que ser demonstrada por outros textos bíblicos), os ensinos decorrentes acabarão constituindo outra revelação (que nada tem a ver com a revelação bíblica), mesmo que apresentados sob a capa de interpretações. Enquadram-se nesse caso os ensinos sobre a reencarnação e a comunicação dos mortos que, como temos demonstrado ao longo das páginas deste livro, não encontram fundamento na Bíblia.

RESPEITAR É PRECISO

Aqueles que procuram seguir as páginas da Bíblia, fazendo uma leitura e interpretação sérias, devem ser respeitosos para com aqueles que têm expressões de fé que não são pautadas na Bíblia. O fato de discordarem de suas crenças e até de suas interpretações da Bíblia não lhes dá o direito de tratar de modo desdenhoso os adeptos de outras confissões. Mais uma vez, o ensino de Jesus serve de advertência: "Como vocês querem que os outros lhes façam, façam também vocês a eles" (Lucas 6.31). Quem quer ser respeitado deve respeitar. Os cristãos centrados na Bíblia devem respeitar as pessoas que não leem a Bíblia ou fazem dela uma leitura diferente a ponto de desenvolver ensinos como este, de que os vivos podem e devem consultar os espíritos dos mortos para receber consolo, instrução ou previsão.

CRISTIANISMO POPULAR

Como é notório, mesmo dentro do próprio cristianismo alguns ensinam que os mortos, especialmente os que levaram vidas virtuosas neste mundo ou foram martirizados por sua fé, podem interceder no céu diante de Deus pelos que se encontram vivos. Essa é a doutrina da intercessão dos santos. Embora não se encontre sequer um versículo bíblico que nos autorize a crer que uma pessoa morta, seja há pouco tempo ou há muitos séculos, possa pedir algo pelos vivos, existem muitos que estão certos disso. A esses santos intercessores são atribuídos milagres e outros favores.

Segundo a ótica da verdade bíblica essa prática é um tipo de politeísmo, pelo qual certas pessoas, por causa de suas qualidades na Terra, são elevadas à categoria de deuses no céu. No entanto, tal crença se desenvolve à margem da Bíblia e contra a sua orientação.

A Bíblia nos instrui a orar ao Pai em nome do Filho, mas há pessoas que pedem que um determinado homem já falecido ou uma determinada mulher já falecida peça a Deus por elas, na função de intermediários. Quem procede assim

entende — ou foi ensinado a entender — que a resposta de Deus depende dos méritos de quem pede; daí o apelo ser feito a alguém que se imagina ter méritos suficientes para ter o seu pedido considerado. Isso está de acordo com a ideia de que alguém mais influente pode resolver a situação.

Aliás, mesmo entre os evangélicos essa crença popular deixa seus vestígios. Quando um crente confia mais na oração do seu pastor do que na sua própria, está desviando o foco da Bíblia. No fundo, algumas pessoas pensam que os pastores, por supostamente estarem mais perto de Deus, são mais ouvidos do que as pessoas comuns. Quem pensa assim precisa voltar à Palavra de Deus. A Bíblia ensina que todos somos sacerdotes, isto é, todos podemos e devemos levar nossas alegrias e angústias a Deus. Todas as orações intercessórias são bem-vindas, inclusive as dos pastores. Mas um pastor, ao orar, nada mais é do que mais uma pessoa orando. Ele não tem méritos próprios que o levem a ser mais ouvido por Deus, enquanto outros não o são. Ele não tem a chave para abrir o coração de Deus. Na verdade, o coração de Deus está sempre aberto, esperando que as pessoas o busquem com sinceridade. Sua resposta é fruto da misericórdia de Deus para com o ser humano; jamais mérito do próprio ser humano.

A PROIBIÇÃO

Não é fácil ver uma pessoa querida partir e imaginar que há um abismo intransponível entre vivos e mortos. Dessa forma, um ensino que possa nos aproximar de quem já partiu, diminuindo esse abismo, atrai muitas pessoas. Portanto, a ideia de que os mortos podem se comunicar com os vivos nasce desse desejo de um reencontro, de preferência imediato.

O problema é que, se a Bíblia for seguida, a legitimidade da comunicação entre mortos e vivos está totalmente desamparada. Por mais que os proponentes dessa ideia se esforcem para encaixá-la na Bíblia, não há como fazê-lo.

Para a Bíblia, não deve haver comunicação dos mortos com os vivos. Na verdade, essa possibilidade é expressamente proibida. Vejam alguns textos:

- Em Levítico 20.27, a instrução é a seguinte: “Os homens ou mulheres que, entre vocês, forem médiuns ou consultarem os espíritos, terão que ser executados. Serão apedrejados, pois merecem a morte”.
- Deuteronômio 18.9-14 é mais amplo: “Quando entrarem na terra que o Senhor, o seu Deus, lhes dá, não procurem imitar as coisas repugnantes que as nações de lá praticam. Não permitam que se ache alguém entre

> vocês que queime em sacrifício o seu filho ou a sua filha; que pratique adivinhação, ou se dedique à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria ou faça encantamentos; que seja médium, consulte os espíritos ou consulte os mortos. O Senhor tem repugnância por quem pratica essas coisas, e é por causa dessas abominações que o Senhor, o seu Deus, vai expulsar aquelas nações da presença de vocês. Permaneçam inculpáveis perante o Senhor, o seu Deus. As nações que vocês vão expulsar dão ouvidos aos que praticam magia e adivinhação. Mas, a vocês, o Senhor, o seu Deus, não permitiu tais práticas".

A DEMARCAÇÃO DOS MUNDOS

Embora essa proibição não apareça explicitada no Novo Testamento, porque não havia essa prática na época dos apóstolos, Jesus Cristo parte do pressuposto que há um abismo intransponível entre o mundo dos mortos (no céu ou no inferno) e o mundo dos vivos. Uma de suas parábolas sobre o sentido da vida mostra a profundidade e a largura desse abismo (Lucas 16.19-31). Ela relata a história de um homem rico, sem nome (via de regra, são os pobres que não têm nomes), que morrera e estava no inferno. Lá fez uma oração (v. 27) e nela pediu que Deus enviasse Lázaro (um mendigo que estava no céu, a quem o rico dera algumas migalhas durante a vida) de volta à Terra, para que falasse aos seus irmãos ainda vivos e os advertisse do perigo que corriam de acabar naquele lugar de tormento.

Ao ler a passagem, observa-se que o homem rico não poderia vir à Terra, por mais que desejasse. Lázaro também não poderia vir, mesmo que desejasse. Em sua resposta, Abraão deixou claro que havia somente uma forma de os mortos voltarem para a Terra: por meio da ressurreição (v. 31), como aconteceu com Jesus e com Lázaro, irmão de Marta e Maria e que não tem nada a ver com o mendigo da história.

ATENÇÕES PRELIMINARES

Há um texto do Novo Testamento que narra a transfiguração de Jesus, em companhia dos falecidos Moisés e Elias (Lucas 9.28-36), e outro do Antigo Testamento que traz o relato da consulta a uma necromante, no caso da experiência de Saul com a pitonisa de En-dor (1Samuel 28.3-25).

A crítica sempre precisa ser precedida de autocrítica. O que se crê tem sólida base bíblica? Essa pergunta precisa acompanhar tudo o que alguém pensa, crê e faz.

Discordar do outro é algo lícito, mas o outro tem o mesmo direito de discordar de nós. Deve haver firmeza, embora sempre com humildade, contra aquilo que se julga ser um erro, mas nunca se deve perder a capacidade de amar aqueles que andam no que se julga ser um erro.

A premissa básica do cristão é uma só: A mensagem de Jesus não precisa de complementos. Os evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Tiago, Pedro, Judas e João já são suficientes. Não há necessidade de outros evangelhos. As crenças que desenvolvemos, por mais lógicas ou reconfortantes que sejam, só têm legitimidade se forem solidamente bíblicas. Na Bíblia está toda a orientação e todo o conforto de que a humanidade precisa.

Antes de fazer qualquer comentário, deve ser lembrado que, ao ler um texto bíblico, é preciso verificar, a partir de uma questão de compreensão, e não de fé, se ele é informativo ou imperativo. O texto informativo aponta, tanto negativa quanto positivamente, para algo. A poligamia dos patriarcas, por exemplo, não é um modelo a ser seguido, mas uma informação da qual se extraem lições sobre determinada conduta, jamais autorizações para a sua prática. Como escreveu F.F. Bruce:[68]

> A inspiração da Bíblia não implica que todos os acontecimentos relatados nela tenham a aprovação divina ou que todas as palavras nela registradas tenham uma autoridade divina. Não somos obrigados a defender o engano de Jacó para com seu pai, ou o pedido de Elias para que o fogo descesse dos céus, ou a aceitar como provenientes do Altíssimo os argumentos dos amigos de Jó ou os elogios de Débora a Jael. Essas ações e palavras não são parte da revelação de Deus, mas são parte do contexto em que a revelação foi dada e foram registradas para nos advertir. O costume de isolar partes da Bíblia tem feito grandes estragos. O Antigo Testamento deve ser lido e compreendido à luz do Novo Testamento; os primeiros estágios da revelação aparecem em sua devida perspectiva quando vistos no contexto da revelação completa em Cristo.

Por outro lado, quando, ao ler a Bíblia, nos deparamos com um texto imperativo, por ele tratar de princípios universais, em primeiro lugar é preciso ter fé e coragem para praticar o que nele está prescrito. Em segundo lugar, essa fé e coragem geram a atitude de aceitar o que o texto bíblico diz, em lugar de levá-lo a dizer aquilo que se quer.

Uma terceira atenção é necessária, no sentido de entender que a Bíblia conta histórias, mas não tira conclusões, deixando-as para o leitor. Assim acontece na maioria dos casos, mesmo naqueles em que os personagens têm atitudes condenáveis. É como se o autor (inspirado por Deus) partisse do pressuposto que o leitor sabia que a prática narrada era condenável. Por essa razão, não acrescentou à narrativa uma "moral da história". O que ele faz é um convite à

interpretação; no entanto, nesse processo interpretativo precisam ser considerados outros textos, sobretudo do Novo Testamento, que sirvam para elucidar as questões. Há, porém, no Antigo Testamento um texto que precisa ser examinado.

QUEM SAUL VIU

Causa incômodo no contexto religioso brasileiro certa experiência, aparentemente típica de uma sessão espírita, que se encontra registrada na Bíblia. É a história de um encontro entre o rei Saul e uma necromante, narrada em 1Samuel 28 e ocorrida por volta do ano 1055 a.C. Nesse encontro aparece alguém que se supõe ser uma pessoa. A pergunta básica é: Quem de fato apareceu? Foi mesmo Samuel?

No episódio relatado, Saul, desesperado e cansado, estava em busca de orientação para uma guerra que estava próxima. Mas não conseguia encontrar resposta em lugar algum. Então, ele decidiu buscar a orientação do profeta Samuel, que o havia ungido rei, mas que já tinha morrido há algum tempo.

Para não ser reconhecido, Saul, o mesmo rei que tinha banido a prática de consulta aos mortos, disfarçou-se e, acompanhado de seus assessores, foi atrás de uma médium. Diante dela, o rei lhe pediu que o profeta Samuel subisse do mundo dos mortos. Começou a sessão, com a mulher invocando o profeta. Segundo ela, este apareceu. Travou-se, então, um diálogo entre Saul e Samuel. O rei ouviu que o seu fim estava próximo e que morreria na batalha que se travaria a seguir. A revelação deixou Saul e a médium atônitos. Saul ficou perturbado por causa da sua fraqueza, pois estava em jejum há 24 horas (1Samuel 28.20), e também em função do conteúdo da revelação. A médium anônima estava estupefata, pois tinha infringido a lei que proibia a necromancia, punida com morte naquela época e lugar. Por insistência da médium Saul se alimentou e partiu. Alguns dias depois, ferido na batalha, suicidou-se com sua própria espada (1Samuel 31.1-6). Mas o que realmente aconteceu?

Há vários aspectos que podem ser levantados preliminarmente:

1. É a descrição que a mulher faz de um homem que leva Saul a concluir que se tratava de Samuel. Ela disse que teve uma visão de um ser que subia da terra, vestindo um manto. A descrição é genérica demais, propícia à mistificação. O texto diz: “Então Saul ficou sabendo que era Samuel, inclinou-se e prostrou-se, rosto em terra” (v. 14). O próprio texto (v.13) deixa claro que Saul não viu diretamente a Samuel. Ele o “viu” por

intermédio da médium.

2. Samuel era conhecidíssimo em Israel. Não seria difícil para a médium, passado o susto inicial, atribuir à sua visão uma descrição que se encaixasse à pessoa de Samuel. Naquela época quase todas as pessoas usavam manto, que era uma peça comum no vestuário dos povos do Oriente Médio (conforme Gênesis 9.23; 39.12; Josué 7.21; Rute 3.15; 1Samuel 15.27; 18.4; 19.13; 1Reis 11.29; 19.13; 19.19).[69]
3. A revelação sobre o futuro de Saul não foi rigorosa, mas uma meia-verdade. Ele não morreu na guerra, mas ferido, tendo cometido suicídio pouco depois. De igual modo, nem todos os seus filhos morreram (v. 29); Is-Bosete, Armoni e Mefibosete sobreviveram. A morte de Saul não se deu no dia seguinte, mas 18 dias depois.

QUATRO HIPÓTESES EM BUSCA DE UMA RESPOSTA

Primeira hipótese: A necromante operou um milagre, em conluio com o reino das trevas, e trouxe Samuel de volta.

Essa ideia não é aceitável, pois a Bíblia diz que o homem está destinado a morrer uma só vez (Hebreus 9.27) e, assim, a morte é o fim, que somente pode ser suspenso pela ressurreição (que não houve, neste caso).

Segunda hipótese: Deus usou aquela circunstância para repreender Saul. Ele pode agir por formas estranhas, como fez com Balaão, fazendo com que a jumenta falasse com ele.

Não é possível aceitar essa ideia, pois com isso Deus estaria concedendo crédito à necromancia. No entanto, muito pelo contrário, ele sempre a condenou.

Terceira hipótese: A necromante cometeu uma fraude. Há indícios disso. Quem viu Samuel não foi Saul, mas sim a necromante. Ela disse estar vendo "um ancião vestindo um manto" (1Samuel 28.14). Foi Saul quem deduziu que o ancião era Samuel e que ele lhe dirigia a palavra.

A sugestão não pode ser aceita em seu todo, pois há evidências no texto que sugerem que houve mais do que uma simples fraude cometida pela necromante. O próprio autor do texto bíblico não parece estar convencido da fraude; se estivesse, possivelmente deixaria isso mais claro. A necromante pode ter sido enganada e levada a acreditar que vira Samuel. Neste caso, se houve fraude, não foi cometida por ela, mas por um espírito enganador. O ponto mais importante, contudo, é que a condenação que o texto faz não é à fraude, mas à consulta aos mortos.

Quarta hipótese: A necromante contou com o apoio da força das trevas, a

quem invocara, para enganar a Saul com elementos de magia, que é sempre falsa, e com elementos reais, operados pelo poder das trevas, como o reconhecimento de Saul (v. 14) e a predição da morte do rei (v. 19). Saul estava enfraquecido moral, psicológica, espiritual e fisicamente. Caiu na fraude com facilidade. Deus permitiu que tudo acontecesse, para que as pessoas aprendessem quem ele é. Não foi Samuel quem apareceu, mas um espírito enganador (um anjo de luz disfarçado).

Muito (ou praticamente tudo) do que a médium falou constituía informação de domínio público. Ela disse que seu reino seria tirado. Ora, todo mundo sabia disso em Israel, ela também sabia, assim como o próprio Saul; por isso mesmo ele fora consultá-la.

Estamos diante do paradigma do engano, que até hoje é o mesmo. Quando o falso parece verdadeiro, é muito difícil desmascará-lo. É preciso, nesta hipótese que parece ser a mais próxima do texto bíblico, tomar cuidado para não dar aos poderes do mal uma força maior do que a que têm.

UMA SENTENÇA DE MORTE

A proibição da comunicação com os mortos é clara na Bíblia. Contudo, há quem pondere que a proibição é dirigida ao uso que se faz da necromancia, e não à necromancia em si. Os adeptos desta hipótese sugerem que o que Moisés condena é a prática dos feiticeiros antigos, que evocavam os espíritos para obter revelações ilícitas, a fim de tirar delas benefícios pessoais. Se, no entanto, os espíritos dos mortos oferecerem conselhos e proporcionarem alívio aos que sofrem, suas ações são válidas e devem ser buscadas.

Porém, se o problema fosse apenas o abuso da prática da necromancia, como alegam alguns, Deus não condenaria tão frontalmente a prática em si: "Não permitam que se ache alguém entre vocês que queime em sacrifício o seu filho ou a sua filha; que pratique adivinhação, ou se dedique à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria ou faça encantamentos; que seja médium, consulte os espíritos ou consulte os mortos. O Senhor tem repugnância por quem pratica essas coisas..." (Deuteronômio 18.10-12a).

O que fez Saul senão buscar revelações ilícitas com uma necromante visando benefícios pessoais? Ademais: Que preço pagou? A própria Bíblia informa algo que se deve ter em mente ainda, à luz de todo ensino bíblico sobre a comunicação com os mortos: o fato que Saul morreu pelo pecado de ter consultado uma necromante. "Saul morreu dessa forma porque foi infiel ao

Senhor; não foi obediente à palavra do Senhor e chegou a consultar uma médium em busca de orientação, em vez de consultar o Senhor. Por isso o Senhor o entregou à morte e deu o reino a Davi, filho de Jessé" (1Crônicas 10.13-14).

Assim, o texto em que Saul consulta uma médium deve ser entendido como um texto informativo. Essa prática lhe custou caro. A história não está ali como um modelo a ser seguido, mas como uma informação que explica o seu fracasso como homem de Deus e governante de homens.

A atitude de Saul tem também um ensino negativo. Saul tentou ouvir a Deus lançando mão de todos os recursos. Mas, na verdade, ele não queria ouvir a Deus. Queria apenas a bênção divina, mas não desejava ter um relacionamento com Deus. Saul queria um deus manipulável, mas Deus não se deixa manipular. Na realidade ele queria apenas uma bênção para a guerra próxima.

Saul não entendeu que comunhão com Deus é um convite a um relacionamento de compromisso com Ele. Pelo contrário, pretendia ter um Deus de conveniência, que servisse a seus interesses. Como Deus não se deixou manipular, Saul buscou a sua própria solução, no caso, a necromancia. Ele apelou, disposto a pagar qualquer preço por uma revelação que lhe trouxesse tranquilidade.

Teve oportunidades de rever sua atitude, mas escolheu afundar-se ainda mais no pecado, cometendo um gesto que era contrário aos seus princípios. O desespero pode fazer com que princípios sejam quebrados. Eis o que Saul nos ensina: Devemos ter em mente aquilo que ocorreu com ele depois, para não cairmos como ele caiu.

APRENDENDO COM O ERRO DE SAUL

A consulta aos mortos é uma prática que vem de muitos milênios, embora seja condenada expressamente na Bíblia. No Egito antigo, de onde vieram os judeus, era uma prática muito comum. No tempo de Isaías, o costume permanecia: "Os egípcios ficarão desanimados, e farei que os seus planos resultem em nada. Depois eles consultarão os ídolos e os necromantes, os médiuns e os adivinhos..." (Isaías 19.3).

O povo de Israel foi instruído a esse respeito por Moisés, que estava preocupado com a imitação da prática das nações vizinhas: "Não recorram aos médiuns, nem busquem a quem consulta espíritos, pois vocês serão contaminados por eles. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês" (Levítico 19.31).

Saul teve oportunidade de retroceder (quando a mulher tentou se esquivar

do que ele lhe pedira), mas preferiu prosseguir no seu intento. Quantas vezes também, na hora do pecado, oportunidades são oferecidas para que o pecado não seja cometido, mas a pessoa prefere pecar. O ser humano não se detém porque o que ele mais quer é pecar. Pensem no adultério, por exemplo. Ele não acontece numa fração de segundos. Sempre é acompanhado por uma sequência própria de mentiras e subterfúgios.

Saul estava tão decidido em sua intenção de pecar que chegou a jurar pelo Senhor (algo sagrado naquela época) para levar a mulher a cometer o pecado da necromancia (v. 10).

Quando Deus se calou, Saul não teve a humildade de perguntar a razão. Não persistiu em continuar buscando ouvir a sua voz. Ele decidiu buscar apoio nas portas do inferno. En-Dor era uma cidade que conseguira escapar à ordem de Saul quanto ao desterro dos adivinhos. A mulher resistiu justamente porque conhecia a Lei e o decreto de Saul.

Saul foi ao seu encontro durante à noite, numa indicação bem clara de que agia às escuras. Ele queria ouvir a voz de Samuel, o profeta que o ungira rei no passado. Pela feitiçaria, seu desejo foi atendido.

LIÇÕES PARA A VIDA

Não precisamos ter medo da força das trevas. Se a nossa vida está nas mãos de Deus, não há necessidade de temer a feitiçaria. Não há sentido em ter medo de trabalhos de magia feitos contra pessoas ou instituições. Esses trabalhos não podem tocar nos ungidos (filhos) de Deus.

Devemos evitar a busca de soluções mirabolantes. Essa busca é decorrente do medo (v. 5). Uma pessoa com medo faz até o que não quer. Vejam o caso de Saul. Ele já tinha até mesmo desterrado os profissionais que agora buscava (v. 3). Uma pessoa com medo faz coisas ridículas, como se disfarçar (v. 8). Talvez, no caso de Saul, ele tenha se disfarçado vestindo o uniforme dos soldados.

A busca de soluções mirabolantes é decorrente do silêncio de Deus (v. 6). No entanto, Saul experimentou esse silêncio por sua única e exclusiva culpa.

Pode acontecer de os filhos de Deus (salvos por Cristo) também apelarem para saídas e soluções fora de suas convicções, como Saul o fez (v. 7). A propósito, é bom lembrar que há sempre pessoas que estão dispostas a ajudar os outros a cair no buraco (v. 7b). Há sempre alguém para propor alguma coisa, alguma saída mirabolante para o problema. Há sempre alguém disposto a apoiar essas coisas e mesmo a fazer algo para viabilizar esse apoio.

Há sempre pessoas dispostas a mostrar o caminho até a profetisa, como se Deus lhe tivesse dado todo conselho a seu respeito. Há sempre pessoas dispostas a conduzir outros a um culto diferente, onde Deus, por causa das emoções que a liturgia provoca, parece falar mais de perto. Há sempre pessoas dispostas a apresentar uma igreja onde haja bênção (especialmente se for material) ou onde a tônica seja a transformação da graça em medo (até para cristãos que já foram libertos de todo terror, uma vez que o amor de Deus joga fora todo medo — cf. 1João 4.18).

Por essa razão, há um novo tipo de ecumenismo, o do membro da igreja, que secreta ou publicamente se une a outra igreja, naquilo que ela tem (ou acha que tem) de bom.

É preciso ouvir a voz de Deus enquanto é tempo. Saul deixou de ouvir a Samuel e pagou um alto preço por isso. Agora, queria escutar seus conselhos, mesmo ele estando morto.

Davi não tinha os ofícios sacerdotais para ouvir a Deus, que também não lhe aparecia por meio de sonhos ou de profecias. Nos dias de hoje ouvimos a Deus ao ouvir as vozes da igreja (através do pregador, do professor, do conselheiro). Sonhos e profecias são coisas excepcionais, quando as demais falham.

Deus também pode usar pessoas e situações estranhas para nos advertir. Ele já usou uma jumenta, por exemplo (Números 22.28), no caso de Balaão. Normalmente, ele usa outras pessoas. E também usa você.

A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Outro texto que causa certo incômodo no contexto religioso brasileiro é o de Lucas 9.28-36, em que Jesus conversa com os profetas Moisés e Elias, na presença de três discípulos. (O mesmo episódio está relatado também em Mateus 17.1-13 e Marcos 9.2-13). A pergunta central em torno dessa experiência é se Moisés e Elias realmente estiveram no monte da transfiguração.

1. Para alguns, a experiência da transfiguração mostra que é possível a comunicação dos vivos com os mortos. Ela não é somente possível como será perfeitamente normal e nada tem de errado aos olhos de Deus, pois, caso contrário, Jesus não teria passado por ela.[70]

2. Para outros, Moisés e Elias realmente apareceram e falaram com Jesus, mas o que aconteceu foi uma experiência de origem divina, uma revelação dada aos discípulos sobre a glória do reino futuro, que terá Jesus como seu Rei. O caso da transfiguração foi algo completamente diferente, e não guarda qualquer semelhança como sessões de comunicação mediúnica, onde há o consulente, o

médium e o suposto espírito do morto. A tarefa do médium é servir como meio (como intermediário) para que o consulente ouça algo daquele a quem quer ouvir. Moisés e Elias nada disseram aos discípulos nem sobre os discípulos. Falaram somente a Jesus. Na verdade, não houve consulta aos mortos, por parte dos discípulos. Além disso, Jesus não serviu como um médium entre os vivos e os mortos, pois não houve nenhuma mensagem entregue aos discípulos por parte de Moisés ou Elias.[71]

3. A perspectiva pode ser ainda outra. O rosto de Jesus se transfigurou, assumindo talvez um aspecto resplandecente, como aconteceu a Moisés no monte Sinai. Em meio a essa transformação, os discípulos tiveram uma visão: a de contemplar Moisés e Elias conversando com Jesus. O aparecimento desses dois personagens centrais do Antigo Testamento foi uma visão. A Bíblia condena a consulta aos mortos (Levítico 20.27), prática que custou caro ao rei Saul. Deus não lançaria mão de um recurso que ele mesmo condena para confirmar a divindade do seu Filho. Já a visão, ao contrário, é uma forma usada por Deus para se comunicar com os homens, que sempre carecem de experiências concretas. Os discípulos demonstraram ter fé suficiente para ver a glória de Deus e, ao mesmo tempo, ser egoístas o bastante para querer prolongar aquela maravilhosa experiência. Eles não tinham ainda entendido que a graça de Deus não é apenas para alguns, mas para todos.

ATITUDES QUE PRODUZEM VIDA

Aqueles que procuram ler a Bíblia e fazer dela um guia para seus pensamentos e atos não podem se esquecer que nenhuma convicção teológica deve se sobrepor ao amor, a lei maior. O amor à verdade não é maior que a verdade do amor.

Atacar uma religião, denominação ou doutrina diferente é algo inadmissível, indefensável e injustificável. Mesmo o debate, quando necessário, deve ser feito de maneira respeitosa, caridosa e generosa. Se, para vencer o debate, for preciso desrespeitar o outro, você já o perdeu.

No caso específico da possibilidade de algo como comunicação com os mortos, há alguns que a defendem com base em raciocínios próprios, sem apelar para a Bíblia, enquanto outros buscam o apoio da Bíblia para evidenciar sua postura.

No entanto, como já vimos, não há base na Bíblia para se defender a comunicação mediúnica. A necromancia é amplamente apresentada como uma abominação, isto é, como algo totalmente condenado por Deus. São abundantes as instruções bíblicas diretas sobre o assunto. Por mais fascinantes que sejam

novas leituras da Bíblia, o respeito pelos autores do texto deve ser preservado, sempre considerando o contexto de sua produção e a sua intenção. Todo o esforço da pesquisa bíblica visa chegar cada vez mais perto desse contexto e dessa intenção, para que a leitura seja mais rica.

A história da transfiguração de Jesus ilustra bem como devemos considerar a intenção dos autores. Os evangelistas que relatam esse episódio tinham um interesse comum: mostrar que Jesus tinha a aprovação dos patriarcas do Antigo Testamento, comprovada com a palavra vinda de Deus, falando do seu prazer em tê-lo como filho. Nenhum evangelista tinha o interesse de mostrar que alguém pode vir a sair do mundo dos mortos para se comunicar com os vivos. Tanto isso é verdade que, logo em seguida à experiência da transfiguração, entra em discussão o tema da ressurreição, uma vez que a ideia da reencarnação é totalmente estranha à Bíblia.

Se a pesquisa bíblica deve ser priorizada, devemos também tomar cuidado para não transformar experiências religiosas eventuais em revelações que possam substituir a revelação divina, presente na Bíblia. As experiências, para não levar ao engano, devem estar submissas à Palavra de Deus.

O perigo da entronização das experiências se potencializa quando entra em cena o sofrimento humano. Como dizer a alguém, que perdeu uma pessoa querida, que não deve participar de uma reunião em que se diz que poderá travar contato com aquele ou aquela que partiu? Porém, o respeito por aqueles que sofrem deve ser mantido. As pessoas não devem ser violentadas em nome da verdade.

Para quem o luto é uma dor difícil de ser suportada, a mensagem bíblica é de esperança. Esperança do consolo e do reencontro: “Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou” (Apocalipse 21.4).

QUAL TEM SIDO A RESPOSTA OFERECIDA?

A fé cristã professa que o significado da vida depende da resposta que se obtém para a seguinte pergunta: Quem é Jesus? Sua vida depende de sua resposta a essa pergunta.

Ao longo da história tem havido diferentes respostas à pergunta, feita por Jesus aos seus discípulos, mas que ainda demanda uma resposta de cada um de nós. O texto, que se encontra registrado tanto em Lucas 9.18 como em Mateus 16.13-20, mostra o imenso interesse de Jesus sobre a compreensão que as pessoas tinham acerca dele.

Uma leitura do texto poderia indicar que Jesus era uma reencarnação de João Batista, Elias, Jeremias ou um dos profetas do Antigo Testamento (v. 14). Essa hipótese é o coração da proposta que defende a ideia da reencarnação. Merece ser considerada, pois as respostas que os discípulos colheram das pessoas parecem pressupor a possibilidade da reencarnação.

Para os que creem na reencarnação, Jesus foi o espírito superior da ordem mais elevada. Alguns, então, consideram-no o tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e modelo.[72]

> O fato de Jesus ter sido a reencarnação de profetas anteriores, ou não, é uma questão de crença, que não pode ser discutida. Pois para uma religião que não tem como base fundamental a reencarnação do espírito isso não é motivo de discussão. E se Jesus Cristo chegou à Terra como ser tão elevado, ele também passou por todos os graus de evolução na qual um espírito é provado. E o único caminho para a evolução espiritual é a reencarnação. Jesus em momento nenhum desmente a reencarnação. [Eu] poderia ficar aqui a noite toda recordando todas as passagens bíblicas sobre a reencarnação, sobre a qual o próprio Cristo nos ensina e tenta alertar-nos em suas passagens, [como nesta] conversa com líder religioso Nicodemos: "Em verdade, em verdade vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. (...) O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito. (...) Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. (...) O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito. (...) Mas se não me credes quando falo das coisas da Terra, como me crereis quando vos falar das coisas do céu?" (João 3.1-12).
> Mas como eu disse, é questão de fé. Mas numa coisa concordamos, ele já chegou aqui na Terra como um ser perfeito.[73]

DOIS PRESSUPOSTOS NECESSÁRIOS

A religião de fato é uma questão de opinião. No entanto, o diálogo travado em termos cristãos é possível, quando partimos de uma base comum: aceitar que a Bíblia é a revelação de Deus. Isso quer dizer que as opiniões são secundárias, pois apenas interpretam uma fonte primária que recebemos como a Palavra completa de Deus. Esse pressuposto deixa claro que a Bíblia não precisa de complemento.

Afirmar que a Bíblia deve ser lida como a Palavra completa de Deus não é afirmar que as interpretações sejam infalíveis. Elas são falíveis e existe a necessidade de se estar pronto para corrigi-las permanentemente. Por isso, a Bíblia precisa ser lida com coragem e inteligência: coragem para mudar de opinião e atitude; inteligência, para não levar a Bíblia a dizer o que ela não diz.

ELIAS E JOÃO BATISTA

Com estes dois princípios em mente (a Bíblia é a fonte para a nossa vida e

doutrina; a Bíblia não se contradiz e seus textos se iluminam mutuamente), podemos voltar à resposta dos discípulos (Mateus 16.14) à pergunta de Jesus: "Quem os outros dizem que o Filho do homem é?" (Mateus 16.13).

Comecemos por lembrar o grupo de tipos mencionados na resposta: João Batista, Elias, Jeremias ou um dos profetas. Todos foram profetas enviados por Deus e perseguidos por suas mensagens. Podemos até perceber nessa lista o desejo popular de que Jesus viesse a liderar um movimento contra o poder estabelecido, como fizeram João Batista, Elias e Jeremias.

João Batista, filho de Isabel, parenta de Maria, mãe de Jesus (Lucas 1.36), acabara de ser decapitado (Mateus 14.10); logo, logicamente Jesus não poderia ser uma reencarnação de João Batista, tendo nascido poucos meses antes dele (Lucas 1.57). Em síntese, a ideia da reencarnação, neste texto, fica complemente prejudicada. Se as respostas populares partissem do pressuposto de uma reencarnação, mencionariam Elias, Jeremias ou outros profetas, nunca o contemporâneo João Batista.

Quanto a Jeremias, ele é mencionado duas vezes nos Evangelhos. Duas das profecias de seu livro são citadas por se cumprirem ao tempo de Jesus Cristo. A primeira é para explicar a fuga da família de Jesus para o Egito (Mateus 2.17). A segunda é para entender a atitude de Judas, ao trair Jesus (Mateus 27.9).

O caso de Elias é mais complexo. Ele começa por um equívoco. Quando clamou por Eli (um nome usado para o Senhor Deus, no Antigo Testamento), alguns ouvintes entenderam erroneamente que Jesus estava chamando por Elias, o profeta (Mateus 27.49; Marcos 15.35).

Há outra menção a Elias, associada a Jesus e que demanda um estudo. Na experiência da transfiguração, Elias aparece conversando com Jesus, ao lado de Moisés (Mateus 17.3; Marcos 9.4; Lucas 9.30). As aparições não foram reais, não no sentido de que Moisés e Elias tenham voltado a viver ou voltado a este mundo. Logo, a história não tem relação com a hipótese da reencarnação.

Onde a confusão pode se instalar é quando há uma associação entre Elias e João Batista, nunca entre Elias e Jesus. Fica claro pela leitura dos Evangelhos que há uma proximidade entre os ministérios de Elias e João. Quando lhe foi anunciado o nascimento de seu filho João Batista, Zacarias ficou perturbado, até o anjo lhe dizer: "Ele será motivo de prazer e de alegria para você, e muitos se alegrarão por causa do nascimento dele, pois será grande aos olhos do Senhor (...) Fará retornar muitos dentre o povo de Israel ao Senhor, o seu Deus. E irá adiante do Senhor, no espírito e no poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um

povo preparado para o Senhor" (Lucas 1.14-17).

João Batista foi alguém que desenvolveu seu ministério num estilo bem próximo ao de Elias e com uma missão que se assemelhava a de Elias. Seus estilos se aproximam por ambos terem vivido à margem da sociedade, terem vivido grande parte do tempo no deserto e se alimentado de modo alternativo, além de terem combatido os governos vigentes e conclamado seu povo ao arrependimento. Esse é o sentido da expressão "no espírito e no poder de Elias".

Jesus se refere a João Batista como Elias, quando respondeu aos atônitos discípulos de João: "Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele. Pois todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir" (Mateus 11.12-14).

Em outro episódio, os discípulos de Jesus lhe perguntaram: "Então, por que os mestres da lei dizem que é necessário que Elias venha primeiro?" Jesus respondeu: "De fato, Elias vem e restaurará todas as coisas. Mas eu lhes digo: Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram. Da mesma forma o Filho do homem será maltratado por eles". Então os discípulos entenderam que era de João Batista que ele tinha falado (Mateus 17.10-13; Marcos 9.11-13).

Jesus vê uma continuidade de ministério entre Elias, o grande profeta do Antigo Testamento, e João Batista, aquele que inaugurou o ritual do batismo no Novo Testamento. Jesus aplicava a profecia que aparece em Malaquias 4.5-6: "Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias antes do grande e temível dia do Senhor. Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais; do contrário, eu virei e castigarei a terra com maldição".

A linguagem de Jesus não é narrativa, é poética. A declaração de Jesus é: Veio alguém no espírito de Elias, no sentido de que viera alguém que fazia o que a profecia dizia que o precursor de Jesus faria.

O próprio João Batista negou ser uma reencarnação de Elias. Suas palavras são bem claras: "Perguntaram-lhe: "E então, quem é você? É Elias?" Ele disse: "Não sou". "É o Profeta?" Ele respondeu: "Não". Finalmente perguntaram: "Quem é você? Dê-nos uma resposta, para que a levemos àqueles que nos enviaram. Que diz você acerca de si próprio?" João respondeu com as palavras do profeta Isaías: "Eu sou a voz do que clama no deserto: 'Façam um caminho reto para o Senhor'" (João 1.21-23).

REAFIRMANDO A RESSURREIÇÃO

Os contemporâneos de Jesus, com exceção dos saduceus, criam na ressurreição. Herodes, por exemplo, perguntou se João Batista tinha ressuscitado, quando viu Jesus ensinando e curando: "Por aquele tempo Herodes, o tetrarca, ouviu os relatos a respeito de Jesus e disse aos que o serviam: 'Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos! Por isso estão operando nele poderes miraculosos'" (Mateus 4.1-2).

Os apóstolos ensinaram a ressurreição, pois a ressurreição de Jesus está no centro do evangelho.

O próprio Jesus claramente ensina a ressurreição. No entanto, não há sequer uma situação em que Jesus ensine a reencarnação. Portanto, todos os que são agitados pelos que creem nessa ideia devem saber que a reencarnação se baseia em afirmações que não passam de interpretações que a própria Bíblia contradiz.

REPETINDO A GRAÇA

Se a Bíblia é tomada como a Palavra de Deus que explica a si mesma, é tarefa equivocada extrair da Bíblia qualquer autorização que seja para se crer na reencarnação. Os textos examinados mostraram a fragilidade dessa hipótese à luz da Bíblia.

No entanto, a graça é o território que permite uma compreensão mais ampla da limitação da doutrina do reencarnacionismo ou de qualquer outra ideologia ligada ao mérito. Os defensores da reencarnação entendem que tudo aquilo que uma pessoa faz irá beneficiá-la ou prejudicá-la. Assim, por exemplo, uma pessoa que comete um homicídio poderá ser assassinada em outra vida. Tudo o que uma pessoa faz poderá pesar a seu favor, sendo-lhe atribuído como mérito. Essa lei da retribuição também explica muitos sofrimentos inexplicáveis. Por exemplo, uma pessoa boa, caridosa, querida por todos, de repente sofre um acidente e passa a amargar o resto de seus dias, totalmente inutilizada. Segundo a doutrina da reencarnação, aquela pessoa boa e caridosa pode ter sido um cruel assassino numa outra vida e estaria resgatando assim sua dívida.[74]

Para ilustrar melhor esse ponto em favor da graça de Deus, segue uma entrevista com Bono, o vocalista irlandês da Banda U2:

> É espantosa a ideia de que o Deus que criou o universo possa estar em busca de companhia, de um relacionamento real com as pessoas, mas a coisa que de fato me põe de joelhos é a diferença entre a Graça e o Carma.
>
> No coração de todas as religiões está a ideia do Carma. Aquilo que você faz retorna para você: é olho por olho, dente por dente. Ou, segundo as leis da Física, a toda ação corresponde uma reação

igual ou contrária. Está claro para mim que o Carma é o verdadeiro coração do universo. Ao mesmo tempo, surge esta ideia chamada Graça, que derruba por terra essa bobagem de que a gente colhe aquilo que planta. A Graça desafia a razão e a lógica. O amor interrompe as consequências das ações, o que, em meu caso, é a verdadeira boa nova, já que tenho feito uma porção de bobagens.

Eu estaria em maus lençóis se, ao fim, o Carma fosse meu juiz. Isso não desculpa meus erros, mas estou me agarrando à Graça. Estou me agarrando ao fato de que Jesus tomou meus pecados na cruz, pois sei bem quem eu sou e espero não ter que depender de minha própria religiosidade.

Amo a ideia do Cordeiro sacrificial. "Amo a ideia de que Deus diz: Olha, seus cretinos, há claras consequências para o caminho que estão tomando, para o egoísmo, e há a morte como parte da sua natureza tão pecadora". Temos que enfrentar isso e não ficar vivendo uma vida boa, certo? Há consequências para as ações. O centro da morte de Cristo está no fato de que Cristo tomou sobre si os pecados do mundo, de modo que o que nós fazemos não recai sobre nós e a nossa natureza pecaminosa não resulta em nossa óbvia morte. Esse é o ponto. Isso nos torna humildes. Não são as boas obras que nos levam aos portões dos céus.[75]

A graça, que em si é uma teologia bíblica sólida, não nega a maldade humana; antes, ela atribui à essa maldade as desgraças da vida, sob as mais variadas formas. Aprendemos isso na Bíblia: "Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus" (Romanos 3.23-24).

O pecado foi perdoado porque alguém foi punido no lugar de todos nós: Jesus Cristo, o justo. Isso pode não parecer lógico, mas é como Deus fez. E não é uma doutrina inventada por homens: Aprendemos isso na Bíblia. "Entretanto, não há comparação entre a dádiva e a transgressão. Pois se muitos morreram por causa da transgressão de um só, muito mais a graça de Deus, isto é, a dádiva pela graça de um só homem, Jesus Cristo, transbordou para muitos! Não se pode comparar a dádiva de Deus com a consequência do pecado de um só homem: por um pecado veio o julgamento que trouxe condenação, mas a dádiva decorreu de muitas transgressões e trouxe justificação. Se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele, muito mais aqueles que recebem de Deus a imensa provisão da graça e a dádiva da justiça reinarão em vida por meio de um único homem, Jesus Cristo" (Romanos 5.15-17).

Não há como pensar nossa vida como uma planilha de débito e crédito. A coluna do débito sempre ultrapassará à do crédito, se formos honestos. Graça é liberdade. Não há motivo para temer a próxima vida. Os filhos de Deus, salvos por Cristo, morreram e ressuscitaram com Cristo. Se alguém morrer com Cristo, ressuscita com Cristo; não há razão para ter medo. A Bíblia ensina: "Fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova" (Romanos 6.4).

Para pôr fim à culpa sem fim, a Bíblia ensina que foi necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel com relação a Deus, e fazer propiciação [ato de oferecer-se em sacrifício] pelos pecados do povo (Hebreus 2.17).

A salvação é um presente que precisa ser desembrulhado, não uma condição a ser conquistada. Jesus conquistou a salvação ao morrer na cruz no lugar da humanidade. A Bíblia ensina: "Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação [ato de oferecer-se em sacrifício] pelos nossos pecados" (1João 4.9-10).

DOIS SONETOS SOBRE A ESPERANÇA

1

Aguardo o tempo da vinda de Jesus para nossa reunião
que vai perdurar por todo o itinerário da eternidade
quando o meu Mestre vai entregar, cheio de paixão,
o Reino ao Pai de quem recebeu a missão e a autoridade.

Aguardo o tempo da vinda de Jesus para a sua exaltação
que vai destruir para sempre e de vez o homem da iniquidade que quer me enganar como se não fosse
filho da perdição desejoso de me afastar do caminho
seguro da verdade.

Aguardo o tempo da vinda de Jesus como um grande dia
que vai destronar, com uma palavra, toda a apostasia
porque diante dele já não precisarei ouvir profecia.
Aguardo o tempo da vinda de Jesus como um começo
do fim desta minha vida marcada por avanço e tropeço
para uma plena de amor e que será meu último endereço

Até aquele dia, é bom sentir contra quem é minha luta
para que eu não batalhe enganado contra a impostura
porque não é contra seres humanos a minha labuta
*mas contra as forças espirituais alojadas na altur*a.

Até aquele dia, o Senhor me oferece sua forte armadura,
com a qual poderei resistir ao mal e ficar na conduta,
firme pela couraça da justiça, com a verdade na cintura
e seguindo com o escudo que só constrói a fé absoluta.

Até aquele dia, a salvação como meu capacete manterei,
sabendo que a Palavra de Deus única é a minha espada
com a qual um inimigo muito bem armado enfrentarei.

Ate aquele dia, todo dia o meu joelho orante dobrarei,
como recurso para cumprir o que é da minha alçada,
pois minha vida quero que seja do Rei uma embaixada.

2

Eu sei que o Senhor me livrará de toda obra do mal,
porque para Ele e por Ele todas as coisas são,
e me levará a salvo para o seu reino celestial,
onde poderei exercer com plenitude a adoração.

Deixarei de ser estrangeiro para ser cidadão real
e verei os atributos invisíveis de Deus como eles são
e da fonte inesgotável sorverei o fruto da graça total
para que seja o que devia ter sido: perfeita criação
Perguntarei: "Onde está, ó morte, a sua vitória?
Onde está, ó morte, o seu chicote de ferro duro?
Por que te calas agora? Perdeste a memória?"

Cantarei a Jesus, quando estiver sentado no futuro:
"Teu sou, como te pertencem o passado e o venturo.
Que a ti, somente a ti, para todo o sempre eu lhe dê glória".

8

A ENCARNAÇÃO

Não se tem conhecimento de como era Jesus, o filho de um obscuro carpinteiro e de uma modesta dona-de-casa da Palestina do primeiro século desta era. Nenhum contemporâneo dele o retratou, pois essa forma de arte ainda não existia no mundo palestino. Só mais tarde, na Idade Média, os pintores começaram a pintar o rosto de Jesus a partir de uma imagem idealizada. Nela ficava clara a dificuldade de os seres humanos verem Jesus como um homem. Por isto, muitos quadros retratam-no com uma auréola sobre a cabeça, como que a dizer ou indicar a sua diferença dos homens.

Este tipo de procedimento tem acompanhado as artes cristãs. No teatro, o mais comum era Jesus aparecer de costas, nunca de frente. Foi o cinema praticamente a primeira das artes a dar uma dimensão humana a Jesus, com destaque para Pier Paolo Pasolini, que o retratou com um italiano comum. Todos se acostumaram a ver a imagem de um Jesus europeizado, de pele clara, rosto macio, olhar vago, cabelos lisos e longos e barba marcante. Bem no fundo, a imaginação das pessoas se conforta com a ideia de um Jesus mais divino do que humano.

No entanto, ninguém sabe como era de fato o rosto ou a constituição física de Jesus. Ficamos apenas na imaginação, pois o mistério se faz presente.

Os contemporâneos de Jesus já não tiveram essa dificuldade, mas tiveram outra: a dificuldade de conceber como Deus aquele ser que eles viam como inteiramente humano, que teve que estudar como todo menino (Lucas 2.52); alguém que tinha sede (João 19.28) e fome (Mateus 4.2; Mateus 21.18), e que sentia cansaço (João 4.6) e angústia (João 12.27, 13.21), como todo ser humano. Como acontece a qualquer um, quando o fim de sua vida se aproximava, ele admitiu que estava transtornado (João 12.27). Como ver nele o Emanuel (o próprio Deus conosco), se ele chorou por um amigo que morreu (João 11.35) ou se sua própria cidade o rejeitou (Lucas 4.24)? Eles não o receberam como Deus, mas apenas como uma pessoa qualquer (Lucas 4.22). Seus irmãos de sangue não

viram nada de especial nele. Nem sequer perceberam que ele, seu irmão mais velho, nunca pecou (2Coríntios 5.21). Sim, embora tenha passado por todo tipo de tentação, Jesus não pecou (Hebreus 4.15).

Ninguém explicou melhor esse mistério do que os autores do Evangelho de João e da Carta aos Filipenses, que escreveram magistralmente:

> No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio.Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram (João 1.1-5).
>
> Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus. Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade (João 1.10-14).
>
> Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! (Filipenses 2.5-8).

PARA ENTENDER A ENCARNAÇÃO

Encarnação é a palavra que a teologia criou para expressar a trajetória de um Deus absoluto que se torna homem, com todas as suas limitações, mas sem deixar de ser Deus, com toda a sua perfeição.

A encarnação de Deus é ao mesmo tempo um mistério e um paradoxo. É um desafio à razão que faz um convite à fé; é um desafio à fé que nos convida a pôr em cena toda a nossa capacidade de imaginar e pensar. A fé abre a porta desse mistério. Para aceitar o convite da fé, é preciso crer no incrível amor de Deus e aceitar o Novo Testamento como a fonte de reflexão sobre a ação de Deus na história. Somente o Novo Testamento abre as páginas para entender a grandeza da encarnação, algo que extrapola os limites da mente humana, pois narra a experiência da união entre a plena divindade e a plena humanidade. Essa união foi possibilitada pelo nascimento virginal de Jesus e possibilita a nossa readmissão à condição de filhos de Deus: "Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei, a fim de redimir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de

vocês, e ele clama: "Aba, Pai". Assim, você já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou herdeiro" (Gálatas 4.4-7).

Portanto, como entender a encarnação, à luz da fé e do Novo Testamento? A primeira dificuldade é entender como o Espírito se torna carne. A razão não consegue explicar o processo pelo qual Maria foi fecundada, ao qual poderíamos chamar de inseminação espiritual. Ao longo da história do cristianismo, várias respostas equivocadas têm sido fornecidas. Por isso, é importante afirmar que:

1. Jesus *não* foi um ser resultante da reencarnação de um profeta do passado. Diferentemente do que ensina o espiritismo, do hinduísta ao kardecista, Jesus não foi uma reencarnação de Elias ou de algum outro profeta. O espiritismo ensina que o processo da reencarnação termina quando a alma alcança o estado da perfeição e mergulha de novo na alma universal. Mas Jesus desmente a reencarnação: Ele não evoluiu aqui na Terra, pois já nasceu perfeito. Segundo o Novo Testamento, Ele não foi gerado por alguma alma transmigrada, mas sim diretamente pelo Espírito Santo.
2. Jesus *não* foi um ser resultante de um processo evolutivo ao final do qual alcançou o "*status*" de Deus. Para os adocionistas, Jesus foi adotado pelo Pai e se tornou Deus, embora não fosse Deus em sua origem. Nesse sentido, como criam os imperadores romanos a respeito de si mesmos, todos os seres humanos podem alcançar a divindade. Porém, esta "*fantasia*" está em contradição com o que ensina o apóstolo Paulo, especialmente em Filipenses 2.5-11. Jesus era Deus desde a eternidade e continua a ser Deus.
3. Jesus *não* era Deus apenas com aparência humana. Diferentemente do que prega o docetismo, Jesus não apenas parecia homem; Ele de fato era humano. Como insiste o autor de 1João 4.2-3. Jesus veio em carne ao mundo, embora muitos se recusem a aceitar essa evidência (2João 7). Os Evangelhos falam mais da humanidade do que da divindade de Jesus. A fórmula paulina é perfeita: *Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade* (Colossenses 2.9).
4. Jesus *não* tinha duas personalidades distintas, uma divina e outra humana. Diferentemente do que propuseram alguns pensadores antigos, Jesus não era um Deus que habitava um corpo humano (apolinarismo), nem devemos crer que em Jesus participavam duas pessoas: uma humana e outra divina. Antes, Ele era uma só pessoa, referindo-se a si mesmo sempre como "*eu*", jamais como "*nós*".

5. Jesus *não* era um ser híbrido, formado pela fusão entre suas duas naturezas, como acontece com os ingredientes de um bolo. Diferentemente do que pregavam os monofisistas (ou eutiquianos), Jesus era totalmente Deus e totalmente homem. A divindade de Jesus e a humanidade de Jesus permaneceram intactas (preservadas). O que ocorreu é que Ele abriu mão voluntariamente do uso independente dos seus atributos divinos; só os usava em dependência com o Pai.
6. Jesus *não* foi um ser criado por Deus, diferentemente do que ensinaram os arianos no passado e erram seus herdeiros no presente, como os Mórmons, para quem Jesus não é um membro da Trindade, mas antes a primeira das criações do Pai. Também de forma equivocada as Testemunhas de Jeová ensinam que Jesus foi a mais elevada e a primeira de todas as criações do Pai e como tal criou todas as demais criaturas.

PARA VIVER A ENCARNAÇÃO

A afirmação de fé em Jesus Cristo, fé que o reconhece como completamente Deus e completamente homem, está presente na Bíblia em duas passagens: João 1.1-14 e Filipenses 2.5-8.

ENCARNAÇÃO

Essa crença é, ao mesmo tempo, convite e certeza, confiança e esperança.

1. *A primeira atitude* de quem recebe a notícia de que Jesus veio em direção ao ser humano para torná-lo filho de Deus *é aceitar este esforço*. A encarnação de Deus em Jesus Cristo possibilitou que ele morresse no lugar do homem, que pode então receber sentido para sua vida, em termos de paz, liberdade e alegria, sem ter que morrer para isso. Infelizmente, ainda hoje há pessoas que adotam a atitude descrita por João: Jesus *veio para o que era seu, mas os seus não o receberam* (João 1.11). Elas não querem ser filhos de Deus, pois não recebem a Jesus como seu Salvador e Senhor. Felizmente, há aqueles que o recebem. A estes, ele torna prazerosamente filhos de Deus (João 1.12). Estes são aqueles que *nascem não por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas (...) de Deus* (João 1.13). Deus lhes dá uma nova natureza, a natureza de filhos de Deus. Jesus Cristo nasceu e morreu para tornar possível esse convite, sempre renovado na Bíblia *e na proclamação do evangelho. Filho de Deus é aquele que tem certeza de sua redenção.*

2. *A segunda atitude*, decorrente da primeira, *é agradecer a Jesus Cristo por sua*

decisão. Sua encarnação, desde que aceita por nós, nos dá vida e luz. Afinal, *nele estava a vida, e esta era a luz dos homens* (João 1.4). Por causa da encarnação, a vida que estava nele está também em nós, a luz que ele era também ilumina os nossos caminhos. Sem ele, não teríamos vida. Sem ele, não saberíamos *onde e por onde caminhar*.

3. *A terceira atitude é viver de modo coerente com essa decisão de Jesus*. Ele assumiu sua humanidade e não fugiu da história. Jesus Cristo é o mais completo exemplo da encarnação, no sentido de se comprometer com o mundo em que viveu, não para ser moldado por ele, mas para mudá-lo. Um cristianismo que foge do mundo é absolutamente desobediente ao modelo de Cristo e completamente inútil, servindo apenas para ser pisado e jogado no lixo. *Se uma pessoa se encontra na presença e no reino de Jesus, deve andar como Ele andou*. Ele abriu mão de sua exclusividade divina para se tornar um ser humano. Por que, então, o homem é tão arrogante sobre a sua salvação e sua santidade? Por que, então, em lugar de ir ao mundo, como Jesus fez, cada ser humano quer que o mundo venha até ele?

A encarnação, portanto, é uma advertência no sentido de que ser cristão é viver assumidamente na história, como uma exigência da fé, e não tentar fugir dela. Deus está no mundo.

4. *A quarta atitude é manter a certeza de sua presença conosco* (e viver por ela), presença que agora se dá por meio do seu Espírito. Porque *o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade* e porque, como ensina a Bíblia, *vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai*, a confiança é exercida porque ele está presente em cada momento da vida, pois sua glória não se dissipa como a neblina, antes se adensa por seu poder e graça.

O convite é para que aceitemos a encarnação em favor de todo ser humano. A Bíblia nos convida a afirmar a divindade e a humanidade de Jesus, segundo o seu próprio ensino contido no Novo Testamento. O desafio é manter nossa vida sob a verdade e o exemplo da encarnação, seguindo o modelo de Jesus Cristo.

9

UMA CONFISSÃO DE FÉ CRISTÃ

Para que uma confissão de fé seja verdadeiramente cristã, ela deve conter os seguintes elementos:

Creio em Deus, Pai Amoroso e Todo-Poderoso, que é soberano, sábio e bom ao mesmo tempo e *creio que Deus se comunica comigo diretamente, sem intermediários*, por meio da sua Palavra escrita e por meio do seu Santo Espírito que habita em mim.

Creio em Jesus Cristo, o Filho de Deus e verdadeiro Deus, conquanto tenha voluntariamente assumido face humana, para, morrendo na cruz, expiar os meus pecados, lavados pelo seu sangue redentor, pelo que eu o tenho como meu Salvador e Senhor.

Creio no Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, cujo ministério é convencer-me do pecado, chamar-me ao arrependimento e confortar-me no tempo da aflição, marcado por perdas e dores.

Creio na Bíblia, livro que não se contradiz, pois é inspirado por Deus para me instruir com mandamentos que são para a minha felicidade, pelo que, portanto, não pode ser contraditado por nenhuma outra voz, humana ou pretensamente celestial, nem mesmo pela experiência explicitamente relatada pelas Sagradas Escrituras (1Samuel 28.3-25). Vemos assim que até mesmo a experiência deve ser autorizada pelas Sagradas Escrituras para que possa ser aceita como legítima.

Creio na oração, recurso que Deus coloca ao meu alcance para levar a Ele as minhas dificuldades e as dificuldades de outras pessoas.

Creio na vida eterna, que começa aqui, depois que confesso que Jesus é o meu Senhor e Deus, e continua para sempre, para que seja plena a minha comunhão com Deus.

Creio na ressurreição do meu ser, que tem como protótipo a ressurreição de Jesus Cristo, e confio totalmente que, após a minha ressurreição e o juízo final, viverei para sempre no céu com Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo e todos os que tiveram sido perdoados por Jesus, por meio da fé nele, e nele somente, como o único Salvador.

PARTE 2

PARA LER A BÍBLIA COM INTELIGÊNCIA E FÉ

10

UMA DECLARAÇÃO (DE AMOR)

A Bíblia não nasceu Bíblia, ou seja, não nasceu da forma como hoje a conhecemos. Foi-se tornando o que é hoje ao longo do tempo. Ela é uma testemunha narrativa da ação de Deus na vida de seus filhos. Em momentos específicos, Deus levantou líderes (ativistas, como Moisés; juízes, como Samuel; reis, como Davi; profetas, como Isaías; evangelistas, como Marcos; apóstolos, como Paulo) para conduzir e despertar seus filhos com palavras e ações vindas diretamente dele.

As falas de Deus e sobre Deus, as ações dele e de seus filhos foram sendo registradas em forma oral e escrita. Aos poucos, esse material foi se transformando em uma série de livros, que circularam a princípio entre o povo de Israel e depois entre os primeiros cristãos. Esses livros foram compondo a Bíblia, que é, portanto, ação e Palavra de Deus.

O tema central da Bíblia é Jesus Cristo, o Salvador. O objetivo da Bíblia é apresentar Jesus Cristo, o Salvador. O desejo do autor da Bíblia é que seus leitores sejam salvos (1Timóteo 2.3-6). O conhecimento sobre Jesus somente é adquirido por meio do que a Bíblia diz.

A Bíblia traz em si uma lista completa dos padrões que Deus tem para a vida dos seus filhos. Nesse sentido, é um manual prático (Mateus 5.43-48).

O desejo de Deus para seus filhos é muito elevado: Ele deseja que sejam perfeitos, assim como Ele é. Este é o Deus que se professa: Ele não reservou a perfeição apenas para si mesmo; quer que todos sejam perfeitos como Ele. Para tanto, deixou o legado da sua Palavra.

Mais ainda, a Bíblia é guia para a doutrina correta (2Timóteo 4.1-4). A Bíblia é um retrato da mente de Deus. Se você quer conhecê-lo, leia a Bíblia. Quando o ser humano segue a si mesmo ou a outros, ele se afasta de Deus. Foi isso, por exemplo, que fez o povo de Israel quando, em lugar de seguir a Deus, preferiu seguir a Arão, e fez para si mesmo um bezerro de ouro. É absolutamente incrível a capacidade humana de pensar, o que é prova de que foi criado à

imagem e semelhança de Deus. No entanto, é triste ver essa capacidade ser usada para criar erros, mesmo que no plano religioso e até mesmo a pretexto da Bíblia.

Não bastasse tudo isso, a Bíblia é também um guia de encorajamento (Salmo 121.3-4). A Bíblia é uma sucessão de imagens de um coração pulsante de amor, que é o coração de Deus. Quando relata o que Ele fez por seus filhos no Antigo e no Novo Testamentos nos dá a certeza de que fará o mesmo por nós hoje.

Meu Senhor é um Deus que não dorme,
como um guarda que jamais cochila.
Firmada nele, minha fé não morre.
Seguindo com Ele, meu pé não vacila.
Este é o Senhor eterno que me socorre.

11

O DEUS DA BÍBLIA

Pretendo agora contribuir para uma resposta à seguinte pergunta: É possível suportar e compreender o Deus mostrado na Bíblia?

Começo por duas afirmativas, sabendo que merecem uma explicação mais ampla:

1. Deus escolheu um povo (Israel) que respondeu ao seu convite, como demonstram, por exemplo, as histórias pessoais do chamado de Noé (Gênesis 6.13-14), Abrão (Gênesis 12.1-4), Moisés (Êxodo 3.1-22), Jeremias (Jeremias 1.4-9) e Isaías (Isaías 6.8), visando, com essa escolha, a felicidade de toda a humanidade (João 3.16). O convite a Abrão visava abençoar toda a humanidade (Gênesis 12.3), não apenas sua família ou o povo a quem ele pertencia.
2. Para levar seu povo (a humanidade) à felicidade, Deus se comunicou com este povo de uma forma progressiva. Essa progressividade fica bem entendida à luz da analogia da comunicação entre pais e filhos. Os pais são predominantemente racionais em seu modo de falar. Por sua vez, em razão do estágio de compreensão em que se encontram, os filhos são predominantemente guiados pela fantasia. O pai, se quiser ser entendido, tem que falar de uma forma que os filhos compreendam. Assim como um pai procura entrar no universo do filho, Deus fez o mesmo conosco. A tipologia dos ídolos (aqui adaptada) sugerida por Francis Bacon (1561-1626) no "*Novum Organum*" pode nos ajudar a esclarecer essa ideia da progressividade, pois o ser humano, assim como uma criança, tende a ver e compreender a realidade pelas lentes da fantasia, o que leva à criação de ídolos. Segundo a teoria de Bacon, esses ídolos se dividem em quatro tipos:

- Ídolos da caverna (ou egocentrismo, que levam o indivíduo a conhecer a realidade a partir dos seus próprios interesses e de sua história pessoal) — uma tendência humana natural que deve ser combatida;
- Ídolos da tribo (ou etnocentrismo, que levam o indivíduo a generalizações da realidade segundo as regras de sua cultura) — uma tendência que alimenta estereótipos;
- Ídolos do mercado (ou cronocentrismo, que levam o indivíduo a perceber a realidade de acordo com a visão científica, tecnológica ou ideológica do seu tempo) — uma tendência que o leva a incorrer em anacronismo;
- Ídolos do teatro (ou cratocentrismo, que levam um indivíduo a seguir a celebridade ou "autoridade" do momento, seja ela do campo científico, político ou midiático) — uma tendência que o leva a correr o risco do modismo.

Isso não implica na progressividade de Deus, mas na progressividade de sua comunicação, o que de certa forma a limita. É neste contexto que devemos entender:

1. As LEIS estabelecidas na Bíblia (embora tenham sido lavradas como normas de determinado tempo, cabe a cada um extrair delas os princípios eternos);
2. As ORDENS dadas na Bíblia, como a ordem de punir toda a família pelo erro de um dos seus integrantes ou de exterminar clãs ou povos (pois esses valores faziam parte da realidade da época) ou como as ordens que favorecem o comunitarismo em contraste com a predominante tendência ao individualismo (destacando, assim, que devemos sempre procurar os propósitos que estão por trás delas);
3. O TRATAMENTO que Jesus dispensou às doenças (tidas como decorrentes de um pecado específico ou mesmo de origem demoníaca).
4. A COMUNICAÇÃO DEUS-HOMEM, que pode ser pensada em termos assemelhados ao processo de comunicação humano, em que emissor e receptor interagem a partir de seus universos de significação.
5. A REVELAÇÃO DIVINA. Ao se comunicar, Deus revelou (mostrou) quem ele é:

- Deus é uma pessoa, no sentido de que, embora não tenha forma

conhecida, tem consciência de si, vontade própria e liberdade. (Toda palavra humana sobre Deus é palavra do homem sobre Deus; não consegue escapar de ser sempre antropomórfica).

- Deus criou o universo e os seres que nele habitam, inclusive o ser humano (Salmo 24.1), que é apresentado como obra-prima de sua capacidade criativa (Salmo 8.5) e complementadora da criação (Gênesis 1.28).
- Deus busca se relacionar com o ser humano, pois comunicar-se é algo que faz parte de sua natureza. Isto é uma marca que caracteriza sua criação, feita à sua imagem e semelhança.

Neste projeto de comunicação, por exemplo, a Bíblia informa que:

1. Deus se revela e se oculta (Êxodo 3.14).
2. Deus sacrifica um ventre envelhecido para gerar um filho (Gênesis 17.19) e depois o pede em sacrifício de morte (no caso, Isaque, Gênesis 22.2).
3. Deus ama a todos os seres humanos, mas prefere um povo, a partir de um homem: Abrão (Gênesis 12.1-7).
4. Deus é o único Deus (Isaías 46.9-10), embora existam outros (2Crônicas 2.5).
5. Deus é completamente santo, o padrão de santidade para os seres humanos (Levítico 11.44), mas se ira com os seres humanos (Romanos 1.18).
6. Deus ama, mas castiga os que não o adoram (Êxodo 20.5).
7. Deus é absolutamente poderoso (Deuteronômio 32.39; Jó 12.13-14), mas pede ao homem que aja para libertar um povo da opressão (Juízes 6.14).
8. Deus é gracioso (Efésios 2.8) e justo (Jeremias 17.10).

Essas informações sobre Deus não parecem contraditórias? Não, elas não são contraditórias pelas seguintes razões:

1. O caminho para o conhecimento de Deus não é feito em um avião supersônico, mas num ultraleve. Deus não se oculta. O ser humano é que o oculta.
2. Abraão não sabia que Isaque não seria morto, mas Deus sabia; a fé de Abraão precisava conhecer sua própria liberdade, para ser autêntica.
3. A preferência de Deus por um povo é universalizadora (Romanos 3.29-30).

4. De fato há outros deuses, mas fabricados por mãos humanas, por serem mais cômodos (Salmo 115.4-7).
5. Deus se ira. No entanto, sua ira (citada na Bíblia 49 vezes) tem natureza afetiva, não moral, e é uma expressão de sua santidade e de seu amor (Romanos 9.22-23), porque o pecado destrói, mas a santidade faz viver.
6. A idolatria (seja ela de caráter politeísta ou animista) não é boa para os deuses (pois eles não existem de fato); ela somente é boa para que sejam comercializados. A idolatria corrompe, aprisiona e mata. Deus quer vida. Monoteísmo é vida, apesar das práticas de alguns monoteístas que, às vezes, atentam contra a vida, fazendo guerras (sempre absurdas) em defesa de sua fé.
7. Deus gosta de parcerias. A própria Bíblia é uma obra conjunta.
8. Deus é soberano (onipotente), sábio (onisciente) e gracioso (misericordioso), ao mesmo tempo e sem se contradizer.

O Deus da Bíblia também é um Deus encarnado, um Deus que limitou a si mesmo, que escolheu comunicar-se e ser compreendido, que escolheu viver abrindo mão de sua divindade. Jesus, o Deus encarnado, por exemplo, não era onisciente (Marcos 13.31-32) e experimentou todas as necessidades humanas nos planos dos instintos, desejos e relacionamentos. A encarnação de Jesus é o maior desafio à razão e à natureza humana. Que Deus onipotente é este que pode descer da cruz, mas não desce; que pode liquidar os adversários, mas ora e morre por eles?

Em síntese, Deus é, ao mesmo tempo, soberano (porém, nunca no sentido político, isto é, despótico; sua vontade pode ser recusada, como o desejo de salvar a todos, uma vez que a recusa faz parte da liberdade humana), sábio (no sentido de que conhece tudo, no tempo e no espaço) e misericordioso.

A Bíblia é uma prova material de que Deus caminha com o homem. Ele é misterioso, mas não é inefável. Por isso, a Bíblia deve ser lida com a cabeça (razão) e com o coração (fé). Quem a lê somente com a razão nota que a razão se apropria dela; procura lê-la com os instrumentos que estabelece e também nota que o essencial da Bíblia lhe escapa. Uma vez que as Sagradas Escrituras são capazes de tornar o leitor "sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus" (2Timóteo 3.15), quem a ler com fé permitirá que ela seja o que se propõe a ser: a Palavra de Deus, viva, eficaz e inspirada.

12

A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

Neste capítulo desejo responder à seguinte indagação: Como aceitar que a Bíblia é a Palavra de Deus, se ela foi escrita por homens?

UM LIVRO QUE IMPORTA EM DECISÃO

A dificuldade de aceitar a Bíblia como Palavra de Deus baseia-se em três fatores: sua mensagem (tida como contrária aos ditames da razão), a humanidade de seus autores (naturalmente falíveis) e a natureza do material (visto por alguns como não confiável).

O Deus que surge a partir da Bíblia depende dos pressupostos do leitor. Se, para o leitor, a razão é soberana, como ele aceitará a ideia de que o temor (a reverência) do Senhor é o princípio (o caminho) da sabedoria? Se o leitor acredita que não pode haver verdade absoluta, pois cada um tem o direito de chamar de verdade o que acha que é, como essa pessoa aceitará o fato de que haja um livro inspirado por Deus, com a capacidade de levar alguém "à salvação mediante a fé em Jesus Cristo" (2Timóteo 4.15-16)? Se, para o leitor, a moralidade é produto do consenso entre os integrantes de determinada comunidade ou povo, como ele poderá tomar os mandamentos de Deus, apresentados na Bíblia, como absolutos e atemporais para si e para os povos? Se, para o leitor, o homem é capaz de encontrar seu próprio caminho para a felicidade, como admitirá ele a ideia de que todos os seres humanos carecem de salvação e de que há um Salvador único para toda a humanidade (Jesus Cristo)?

No entanto, se, para o leitor, a razão não é perfeita, por ser humana (e, portanto, passível de erro) e por ser condicionada culturalmente (como os argumentos nazistas, por exemplo, que eram todos tido como racionais segundo a ótica nazista, ou seja, segundo um raciocínio condicionado culturalmente, embora hoje sejam considerados absurdos e monstruosos), faz sentido aceitar a ideia, proposta na Bíblia (Salmo 19.9; Provérbios 1.7, 14.27, 19.23; 2Coríntios

10.5) de que a razão é aperfeiçoada (não negada) pela fé.

Se, para o leitor, Deus existe e se comunica, então ele usou os recursos disponíveis (revelação e inspiração) para orientar o ser humano em sua caminhada. Isso resultou num livro totalmente atípico, único que, embora escrito ao longo de séculos, por diversas pessoas em diferentes comunidades e culturas, mantém uma unidade.

Se, para o leitor, as evidências da incompetência humana em construir uma sociedade justa são claras, em razão dos instintos, desejos e interesses humanos, tanto individuais quanto coletivos (como demonstrados, por exemplo, nas guerras), é prova de sabedoria tomar os mandamentos de Deus, apresentados na Bíblia, como sendo os seus absolutos para nós. Eles são absolutos, independentemente da existência de condicionantes temporais ou regionais (o que exige que façamos uma separação entre princípios — que são atemporais e não regionais— e normas que, embora válidas, são extinguíveis no tempo e no espaço).

Se, para o leitor, Deus existe e se relaciona amorosamente com os seres criados, é admissível que Ele tenha enviado, como relata a Bíblia, um Salvador singular (plenamente divino e plenamente humano), como providência sua para resgatar a dignidade humana.

O QUE SE FAZ COM O QUE SE LÊ NA BÍBLIA

O que falaremos a seguir é mais uma prova de que o homem precisa de um Salvador. Assim admitiu, em 1966, o filósofo Martin Heidegger:

> A filosofia não poderá conseguir uma mudança imediata do atual estado do mundo. Isto não vale apenas para a filosofia, mas para todos os sentidos e costumes humanos. Somente um Deus ainda pode nos salvar. A única alternativa que nos resta é preparar, no pensamento e na poesia, uma disposição para a aparição deste Deus, ou aceitar a ausência deste Deus no declínio; aceitar que estamos sucumbindo na presença deste Deus ausente. [76]

Os instintos, desejos e interesses humanos são muito fortes e podem condicionar certas práticas, mesmo que a Bíblia nos sugira outras perspectivas. Muitas vezes a própria Bíblia vem a ser julgada por aquilo que seus leitores fazem com ela.

Um caso emblemático é o da escravidão (no caso, a de negros) que foi lamentavelmente justificada da seguinte forma, por alguns cristãos do século xix:

> A escravidão foi estabelecida por decreto do Todo-poderoso Deus, sancionada na Bíblia, em ambos os Testamentos, de Gênesis a Apocalipse. [77]

> O direito de manter escravos está claramente estabelecido nas Sagradas Escrituras, por preceito e, por exemplo. A condenação de Cam marcou seus descendentes africanos. A mão do destino uniu sua cor e destino. O homem não pode separar o que Deus ajuntou. [78]

Como se pode ver, nos séculos xviii e xix, nos Estados Unidos, o texto de Gênesis 9.18-27 transformou a maldição de Cam no mito fundamental da degradação coletiva, demonstrando haver uma razão divina para condenar à escravidão gerações de pessoas de pele escura vindas da África.[79] Hoje alguém pode perguntar como foi possível se fazer isso com a Bíblia, quando nela lemos que em Cristo não há livre, nem escravo.

Lamentavelmente, a lista de equívocos e crimes cometidos em nome de Deus e da sua Palavra não é pequena. Na verdade, essa lista pode até ser aumentada, se a ela acrescentarmos, por exemplo: as atitudes manifestas cometidas contras as mulheres (tidas biblicamente como inferiores, e proibidas, por exemplo, em certos círculos, de ser ordenadas ao ministério pastoral); a defesa do Estado moderno de Israel (que ainda é idolatrado como povo eleito, como se o Messias Jesus já não tivesse vindo), independentemente das razões para seus ataques aos palestinos e de toda a forma de violência que usa para "defender" a Deus (embora o real motivo seja, na verdade, a defesa de seus territórios e ideologias).

Ora, Deus não pode ser responsabilizado pela atitude daqueles que dizem crer (até mesmo com sinceridade) nele.

A Bíblia não pode ser responsabilizada pelo que com ela fazem os que a leem (mesmo que a estejam lendo sinceridade). É por isso que a Bíblia deve ser lida com coragem: coragem para confrontar nossa própria ideologia.

TESTEMUNHOS INTERNOS SOBRE A INSPIRAÇÃO

É preciso que sejamos honestos: O próprio texto bíblico não fala sobre a Bíblia, embora fale da Palavra de Deus. No entanto, o Novo Testamento fala sobre o Antigo Testamento e o considera como Palavra de Deus.

O Antigo Testamento refere-se à Palavra de Deus como a sua vontade expressa e capaz de orientar a vida do cristão (Salmo 119.105). Há um versículo em Provérbios que encerra uma grande verdade, ao dizer, nesse contexto: "Cada palavra de Deus é comprovadamente pura" (Provérbios 30.5). Ela também é reta (Salmo 33.4). A sua vontade era comunicada em contextos específicos, através de revelações diretas, a pessoas como os patriarcas (Gênesis 15.1, Êxodo 9.22, Números 36.5, Josué 8.1), os líderes do povo (1Reis 6.11) e, sobretudo os

profetas (1Samuel 15.10; 1Samuel 9.27; 1Reis 12.22; 1Crônicas 17.3; Isaías 1.10; Isaías 66.5; Jeremias 1.4-5; Ezequiel 38.1; Miqueias 1.1, Ageu 1.1; Zacarias 1.1, dentre tantos outros).

O termo, portanto, é usado em sentido amplo, mas não inclui, por razões óbvias, a ideia de um texto organizado. A Palavra de Deus é, assim, uma vontade que se cumpre na história (Salmo 105.19), organizando-se em um conjunto dos oráculos de Deus, suas determinações (Esdras 1.1), falas específicas, manifestações da natureza (Salmo 147.18) e mandamentos, inicialmente orais e depois escritos (Números 15.31; Deuteronômio 5.22). Deus fala. O Antigo Testamento é o registro dessa comunicação.

Jesus lia as Escrituras, tendo usado trechos do Antigo Testamento (Deuteronômio 8.3, 6.13 e 6.16) em seus diálogos com Satanás (Lucas 4.1-13). Ele começou publicamente seu ministério com a leitura de um texto do profeta Isaías, que ele interpretou como algo que se referia a si mesmo (Lucas 4.17-21). Em sua defesa, naquele momento, citou histórias de Elias e Eliseu (Lucas 4.25-27). Seus argumentos vinham das Escrituras (Mateus 21.42), mostrando uma profunda intimidade com a Bíblia disponível à época. Jesus chega a compará-las ao poder de Deus (Mateus 22.29). Sua vida parecia seguir um roteiro traçado no Antigo Testamento (Mateus 26.56). Ele cria nas profecias a seu respeito (Lucas 24.45). Ele ensinava a partir das Escrituras (Marcos 14.49; Lucas 24.32). Sua mensagem corroborava a dos profetas (Mateus 7.12), tanto os que são apenas personagens das histórias contadas quanto aqueles cujos nomes dão título a livros do Antigo Testamento. Na verdade, ele considerava o Antigo Testamento como Palavra (Mateus 15.3; Marcos 7.13; João 10.35) e sabedoria de Deus (Lucas 11.49). Jesus citou vinte e quatro livros diferentes do Antigo Testamento, o qual dividia em Lei, Profetas e Salmos (Lucas 24.44).

Os apóstolos seguiam o mesmo caminho. Pedro fez seu primeiro sermão resumindo as Escrituras (Atos 2.14-41). Seu segundo sermão está cheio de citações de versículos do Antigo Testamento (Atos 3.12-26). Em seu discurso de defesa, Estevão se serviu do mesmo roteiro (Atos 7.1-53). Filipe fez uma exposição do evangelho a partir de Isaías, devendo ter citados outros profetas (Atos 8.26-40).

Em seu primeiro sermão conhecido, Paulo fez o mesmo que seus antecessores (Atos 13.13-47), citando largamente as Escrituras do Antigo Testamento. Na verdade, seu método de evangelização era frequentar habitualmente as sinagogas e nelas expor as Escrituras (Atos 17.2, 18.19). Suas cartas, um meio que usou para pregar e aconselhar, estão repletas de versículos do

Antigo Testamento, que ele considerava como palavra inspirada, útil para ensinar e para conduzir à salvação pela fé em Cristo Jesus (2Timóteo 3.15).

As outras epístolas apostólicas derivam suas palavras, toda a sua argumentação e autoridade do Antigo Testamento e dos ensinos testemunhados de Jesus. Como faz Pedro, por exemplo, elas mostram que o Antigo Testamento desemboca no Novo Testamento, pois os profetas anunciaram Jesus, que completou a mensagem deles sobre a salvação (1Pedro 1.10).

TRANSMISSÃO, CANONIZAÇÃO E TRADUÇÃO

Mesmo estando de acordo quanto à inspiração da Bíblia, restam ainda algumas questões.

A QUESTÃO DA TRANSMISSÃO

Se não temos os originais (autógrafos), como podemos confiar na fidedignidade do texto bíblico?

De fato, não temos os originais, mas o mesmo se aplica a todas as obras da antiguidade. Há, no entanto, cópias bem preservadas, razoavelmente antigas e com textos que são idênticos, quando comparados.

Com relação ao Antigo Testamento, sua fidedignidade é atestada de modo ilustrativo pelos manuscritos da comunidade de Qumran (no Mar Morto), descobertos em 1947. Entre os 930 fragmentos de manuscritos hebraicos, aramaicos e gregos, datados de 250 a.C. do século I da Era Cristã, havia uma cópia do livro inteiro de Isaías que foi encontrada em Qumran; confrontada com a cópia mais antiga até então disponível, que era de 980 d.C., mostrou-se idêntica, palavra por palavra, em 95% do texto. Os restantes 5% eram basicamente trocas involuntárias de letras, ou seja, nada de significativo.

A QUESTÃO DA CANONIZAÇÃO

Quem garante que não há outros textos também inspirados, mas relegados premeditadamente ao ostracismo?

Os livros tanto do Antigo quanto do Novo Testamento foram se tornando sagrados (isto é, recebidos como textos inspirados) com o passar do tempo. Os processos de produção, preservação e canonização desses textos foram longos.

O processo de produção foi diversificado. Nos dois Testamentos, há conteúdos que foram ditados por Deus e gravados em pedra, como no caso dos

Dez Mandamentos, e há textos que foram escritos, por exemplo, na prisão para instrução e aconselhamento, como no caso das cartas de Paulo.

A partir do uso intensivo da memória dos indivíduos e da comunidade, o material (individual e comunitário) foi sendo guardado, lido e recebido (obedecido) como palavra(s) de Deus. No caso do Antigo Testamento, homens e mulheres de fé do antigo Israel começaram a ler coletivamente esses textos (Neemias 8.1-3), uma vez que as cópias eram da comunidade, e não de indivíduos. Primeiramente surgiram os pronunciamentos (feitos a Moisés e aos profetas, por exemplo), que foram preservados em forma oral (Êxodo 24.3) e escrita (Jeremias 36) de maneira quase simultânea ou, então, consecutiva. Depois, foram sendo formadas as coleções ou livros; a coleção dos Salmos levou 500 anos para ficar completa. Por fim, fixou-se consensualmente a lista canônica.

O processo de preservação incluiu o uso de diferentes materiais, como, possivelmente, tabuinhas de madeira (Ezequiel 37.16), óstracos (fragmentos de cerâmica) e, certamente, tábuas de pedra (Êxodo 32.15,16; Josué 8.32; Habacuque 2.2); rolos de papiro (uma planta, conforme Jó 8.11, que tinha amplo uso, inclusive na navegação [Isaías 18.2]) e rolos de pergaminho (pele curtida de animal, logo mais caros), que permitiam a formação de uma biblioteca pessoal (2Timóteo 4.13).

Nem todos os textos produzidos naquela mesma época (alguns deles mencionados na própria Bíblia, como Números 21.14 e Josué 10.13) dos textos que acabaram sendo incorporados à Bíblia foram canonizados (ou seja, aceitos como inspirados). As comunidades foram usando certos critérios para separar este material, como autoria, coerência com os demais textos em circulação e uso nos cultos (Lucas 4.14-21).

O material foi, então, organizado em sessenta e seis livros. Somente mais tarde foram feitas as divisões em capítulos por Stephen Langon (século xxi a.C.) e em versículos por Ário Montano (1555).

No caso do Antigo Testamento, são conhecidos vários livros considerados apócrifos (não autênticos) e pseudepígrafos (com autoria atribuída a outras pessoas).

Os apócrifos fazem parte da lista canônica empregada pela Igreja Católica Romana, embora não estejam na Bíblia Hebraica; foram escritos entre os anos 200 a.C. e 100 a.C., quando o cânon judaico já estava definido. Os pseudepígrafos (como Livro dos Jubileus, Carta de Aristeia, Livro de Adão e Eva, 1Enoque, A Ascensão de Moisés, Salmos de Salomão, Salmo 151 etc.) foram escritos entre 200 a.C e 200 d.C.

No caso do Novo Testamento, há vários livros fora do cânon, como "Evangelho de Judas", "Pseudo-epístola de Barnabé", "Apocalipse de Pedro", "Evangelho de Tomé" etc. Todos estes livros foram escritos a partir do século ii d.C. Eles tiveram uma circulação limitada no tempo e espaço (e só chegaram a circular, ainda que de forma limitada, por terem sido atribuídos a apóstolos) e foram abandonados porque não eram de fato apostólicos, eram recentes demais, nada acrescentavam em termos de teologia ou informação aos livros canônicos (o mais lido deles, que é a anônima Carta a Diogneto, não passa na maioria de seus versículos de uma coletânea de citações da própria Bíblia).

A QUESTÃO DA TRADUÇÃO

Por que há tantas traduções da Bíblia?
A existência de tantas traduções tem razões mercadológicas, científicas e de fim proclamativo.

A Bíblia toda (Antigo Testamento e Novo Testamento) foi traduzida primeiramente para o latim, por Jerônimo, no século iv. Ele produziu a versão Vulgata para o vulgo, uma linguagem popular para quem não sabia grego.

Com o surgimento das nações-estado, com suas respectivas línguas, começaram a surgir traduções da Bíblia para a leitura desses povos. Para o inglês a tradução pioneira foi a de Wycliffe (1383), feita a partir da Vulgata. A versão do rei James ou Tiago, de 1611, empreendida por uma equipe de 50 tradutores, tornou-se padrão nesse idioma. Em 1534, Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, a partir dos originais.

Para o português, a primeira tradução foi preparada, fora do seu país, pelo pastor português João Ferreira de Almeida. Ele traduziu todo o Novo Testamento a partir do grego, o qual foi publicado em 1681, em Amsterdã. Quanto ao Antigo Testamento, ele chegou a traduzir até Ezequiel, a partir do hebraico, cabendo a seus amigos a tradução do restante, compondo assim a versão publicada em 1753. A partir de 1819, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, de Londres, começou a publicar a tradução de Almeida, a partir de Londres.

No Brasil, a primeira tradução — a Tradução Brasileira (tb) — feita por uma equipe, foi publicada em 1917; por falta de atualização, caiu em desuso. A Imprensa Bíblica Brasileira publicou a primeira revisão, conhecida como Almeida Revista e Corrigida (arc), em 1951. Em 1958, Sociedade Bíblica do Brasil publicou a Almeida Revista e Atualizada (ara). Em 1967, a Imprensa

Bíblica Brasileira publicou a Versão Revisada de acordo com os Melhores Textos em Hebraico e Grego (vr). Em 1972, foi publicada outra versão — segundo os melhores manuscritos. Em todas as versões citadas as diferenças são apenas estilísticas. A mais nova versão das Escrituras, publicada em 2008 por Edições Vida Nova, é a versão Almeida Século 21 (a21). Trata-se de um trabalho de tradução e revisão inspirado pela vr.

Os católicos têm sua versão desde 1790, feita pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, em Portugal. No Brasil, há também a de Matos Soares, desde 1946. A Bíblia de Jerusalém foi feita por uma equipe de católicos e protestantes.

Essas versões têm aparecido, em diferentes idiomas, pela motivação legítima de colocar a Bíblia ao alcance do povo, em termos de estilo e vocabulário. Todas usam o mesmo conjunto de manuscritos aceitos universalmente e não têm diferenças de conteúdo. Todas procuram manter a fidelidade aos originais grego, hebraico e aramaico. O que muda é o público-alvo e a metodologia de tradução empregada. O ideal é que o leitor tenha mais de uma versão, porque o sentido fica mais claro para quem lê, dependendo de onde o leitor se encontra, seja em termos existenciais, espirituais e educacionais.[80]

13

DA INFORMAÇÃO AO ENVOLVIMENTO

A Bíblia pode se tornar parte fundamental da sua vida.
Se esse é o seu desejo, ofereço alguns tópicos para sua decisão:

1. Devemos aceitar que, em relação a outras obras literárias, a literatura bíblica tem duas especificidades. A primeira é que a Bíblia é sempre obra de dois autores, porque nela estão presentes o Inspirador (porque Deus se revela em todos os seus textos) e o autor (porque os homens e mulheres que a escreveram continuam sendo homens e mulheres em toda a sua humanidade). A segunda especificidade é que o texto, para ser Palavra de Deus, requer compromisso do leitor em encarnar esta Palavra.
2. Precisamos nos lembrar que a Bíblia tem tipos de textos diferentes quanto à sua intenção: uns são narrativos e outros são imperativos.
3. Devemos levar em conta que há várias maneiras (e não apenas uma) de nos aproximarmos da Bíblia, em função da forma como o autor se expressou e em função da condição do leitor no momento na leitura. Se considerarmos que coração e mente são os dois destinos do pêndulo da interpretação, e que se alojam nos nichos da crítica (razão) e da entrega (devoção), notaremos que o texto percorre os espaços, pouco delimitados, da interpretação, da imaginação, da meditação e da fruição.
4. Devemos admitir que a Bíblia é também uma obra aberta, ou seja, o seu sentido se esclarece na interpretação. Nem sempre é um livro didático. Muitas vezes sua narrativa é de sentido indeterminado. Este é o caso, por exemplo, do sacrifício de Isaque. Sem uma interpretação, pode parecer que Deus, que condena veementemente o sacrifício de seres humanos, aqui é favorável a esse sacrifício. Um intérprete poderá ver aqui apenas uma demonstração da fidelidade de Abraão a Deus e o cuidado de Deus, que providenciou um cordeiro. Outro intérprete poderá ler este texto e aplicá-lo ao sacrifício de Jesus na cruz, dois milênios depois. A riqueza do

texto é inesgotável, se não ficamos numa leitura apenas literalista. Não podemos dispensar a interpretação, já que a Bíblia não é um livro de moral (como a leitura de Juízes evidencia). Nela nem todo o texto tem sentido pleno apenas a partir da leitura. A Bíblia, portanto, exige interpretação.

5. Tenhamos em mente que a Bíblia deve ser lida com a utilização de todos os recursos dos instrumentos que a razão nos confere, se temos o desejo de compreendê-la. No entanto, isso também importa em suspender voluntária e conscientemente a razão, para vivê-la. As perguntas e dúvidas não podem ser impedimento para alcançarmos o essencial, que é ser conduzido pelo Espírito de Deus. A razão é uma simples ferramenta que Deus colocou à disposição do homem e que o auxilia a se afastar de uma leitura que seja:

   - Literalista — O literalismo é a leitura que se prende ao sentido literal do texto, esquecendo-se que a Bíblia contém vários gêneros literários e que cada um deles requer um tipo específico de leitura. O literalista não sabe lidar com as metáforas nem com o contexto da literatura bíblica.
   - Atomista — Uma leitura atomista da Bíblia produz o que se pode chamar, em tom pejorativo, de teologia do dedo indicador. Nela uma pessoa coloca aleatoriamente o dedo numa página qualquer da Bíblia em busca de uma "revelação especial". É algo que só pode ser usado de modo muito excepcional, não como uma rotina.
   - Devocionalista — A Bíblia é um livro rico demais para ser lido apenas como devocional. Na verdade, nosso estudo devocional deve ser enriquecido com estudos que consideram as dimensões linguísticas, históricas e teológicas, por exemplo.
   - Alegorista — Alegorizar é ver nos textos, sobretudo nos do Antigo Testamento, alusões a Jesus Cristo que não estavam presentes na intenção do autor. O livro de Cântico dos Cânticos é um exemplo, uma vez que muitos autores passaram a interpretar o relacionamento ali descrito, entre um homem e uma mulher, como o relacionamento entre Cristo e a igreja. A alegoria é bonita, mas pode empobrecer nossa leitura da Palavra de Deus. O grande problema é que numa alegoria cabe tudo o que intérprete desejar ali

colocar.

- Amuletista — Outros tomam exemplares da Bíblia como um amuleto, como um objeto que protege quem o carrega. Tal prática nada tem a ver com cristianismo.
- Iluminacionista — O iluminacionismo sugere que, para ser entendido, o texto necessita de uma intervenção direta e pessoal do Espírito Santo, não havendo, por exemplo, regras de interpretação. Conquanto o Espírito Santo use este ou aquele texto para nos falar numa determinada situação, Ele não dispensa o uso da razão e mesmo da leitura correta, considerando o significado das palavras e do contexto, para que o sentido seja fruído de modo pleno pelo leitor.

Por outro lado, a fé, segundo a perspectiva bíblica, nos livra das seguintes atitudes:

- Doutrinarismo — Embora a Bíblia seja a base das doutrinas cristãs, ela não pode ser lida como um manual doutrinário. Isso seria o mesmo que limitá-la.
- Ceticismo — Uma das facetas do ceticismo é a disposição de duvidar sempre de algo, mesmo contra todas as evidências, como se não houvesse possibilidade de se descobrir a verdade.
- Historicismo — A Bíblia contém história e até mesmo várias histórias, mas este não é seu único valor: ela não é apenas uma fonte de informação histórica sobre sociedades antigas.

6. Devemos reconhecer que a razão e a fé ajudam a construir a ponte entre o mundo da Bíblia e o mundo em que vivemos, entre a mente da Bíblia e a mente humana. Feliz será o homem se sua mente for bíblica; felizes seremos se o mundo se apropriar dos valores bíblicos.

7. Precisamos decidir o que pensamos da Bíblia e o que faremos com ela. O que faremos depende do que pensamos a respeito dela e do Deus que nela se revela.

14

DIFICULDADES PARA LER A BÍBLIA

Infelizmente, esta é uma constatação irrefutável: Lê-se pouco e mal a Bíblia. Há razões de ordem prática para isso. Veja qual delas descreve a sua experiência e como se libertar dessas dificuldades:

- Falta de tempo — É um erro a pessoa se deixar envolver na agitação e competição do mundo atual. Há tempo para tudo nesta vida (Eclesiastes 3), mas por vezes atropelamos tudo e não fazemos as coisas como devem ser feitas. Contudo, tempo é uma questão de prioridade.
- Falta de disciplina — A disciplina é uma meta para a vida como um todo. Escolha um horário, um gênero literário (profecia, poesia, narrativa, por exemplo) para ler, e organize a sua vida.
- Falta de conhecimento — Procure se superar. Não se contente com sua falta de conhecimento. Não perca o tesouro que está em suas mãos.

Há também razões de ordem intelectual nas dificuldades que as pessoas encontram para ler a Bíblia. Tudo porque algumas acham que ela já está superada em relação aos avanços científicos e às decisões morais contemporâneas. O que ela pode dizer sobre namoro virtual, por exemplo?

Outros pensam que não podem encontrar nela o que procuram. O que a Bíblia tem a dizer, por exemplo, sobre doação de órgãos?

Supõem alguns também que jamais terminaremos sua leitura. Afinal, é uma obra de sessenta e seis livros e cerca de duas mil páginas, dependendo da edição. Nessas páginas, há listas enormes de nomes e muitas repetições.

Já existem outros que consideram seu vocabulário muito elevado e as culturas ali descritas muito diferentes da cultura atual. Quando a Bíblia foi escrita, não havia luz elétrica nem tudo o que dela depende (como geladeira ou ventilador, por exemplo). Não havia telefone. Não havia automóvel. Não havia

computador. Não havia casas como as de hoje. Não se usavam roupas como as de hoje.

Há também aqueles que temem que ela seja profunda demais. Paulo pode ser considerado muito profundo, quando manda entregar um pecado a Satanás ou quando diz que alguns foram predestinados? Ora, não se assuste. O apóstolo Pedro também achava o mesmo e nem por isso deixava de ler e tentar entender as Escrituras: "Tenham em mente que a paciência de nosso Senhor significa salvação, como também o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles" (2Pedro 3.15-16).

Há ainda dificuldades de ordem existencial para se ler a Bíblia, pois suas verdades exigem compromisso de quem as lê. Ela pode, por exemplo, pedir ao leitor que vá por todo o mundo pregando o evangelho: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mateus 28.19-20). No entanto, pode ser que o leitor não queira sair de onde está.

Ela pode pedir ao leitor para que contribua financeiramente, com alegria, para o sustento da causa de Deus: "Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria" (2Coríntios 9.7). Porém, às vezes nossa mão não se abre para as coisas do Reino de Deus.

Ela pode pedir para que eu coloque minhas habilidades a serviço de Cristo: "E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado" (Efésios 4.11-12). No entanto, pode ser que eu prefira apenas assistir ao "espetáculo" desempenhado por outros.

Ela pode pedir para que nós caminhemos uma segunda milha com quem fez e faz o mal: "Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas" (Mateus 5.39-41). Contudo, pode ser que consideremos essa atitude totalmente antinatural.

A Bíblia pode nos pedir para que nossa vida seja cheia do Espírito Santo:

"deixem-se encher pelo Espírito" (Efésios 5.18). Porém, infelizmente, muitas vezes achamos mais cômodo nos deixar entupir com os lixos do espírito nada santo deste tempo.

Enfim, podem ser muitas as dificuldades que sentimos para ler a Bíblia: dificuldades de ordem prática, intelectual ou existencial. Mas nenhuma delas é insuperável se quisermos abrir a Bíblia e deixá-la falar ao nosso coração.

15

PARA TER O QUE DIZER

A Bíblia não só fala ao nosso coração como também nos ajuda a ter o que dizer em certos momentos.

Observemos a visão do apóstolo Paulo acerca das Sagradas Escrituras, apresentada em 2Timóteo 3.10-17.

Depois de descrever o mundo de sua época, em nada diferente do nosso, Paulo descreve a moral (escrava dos deleites pessoais, porque as pessoas só amam a si mesmas — cf. versículo 4), a filosofia (orgulhosa de suas próprias perspectivas e sem o temor de Deus — cf. versículo 4) e a religião (que tem aparência de piedade e é capaz de arrastar multidões, embora não tenha de fato o poder de Deus — cf. versículo 5). Nadando contra essa correnteza, Paulo lembra a Timóteo ("tu, porém") que ele é de outra estirpe (raiz). Será que os cristãos são mesmo de outra estirpe?

A presente época elegeu o relativismo como filosofia e conduta. A essência do ensino dessa visão pode ser resumida em duas frases: tudo é verdade; a verdade é o que eu acho ser a verdade. Predomina a noção do "politicamente correto", que é um cuidado que se deve ter, mas que não pode ser levado ao exagero, pois não se deve julgar o comportamento dos outros (como se todos estivessem corretos tanto do ponto de vista intelectual quanto moral).

O que diz o relativismo moral, por exemplo? Não é politicamente correto condenar o homossexualismo, por se tratar de um direito que a pessoa tem sobre sua sexualidade. No entanto, o cristão é de outra estirpe, e não se prende ao que é considerado politicamente correto, mas deve seguir a Bíblia, onde se lê claramente que Deus abomina todas as manifestações de pecado, entre elas o homossexualismo (embora não somente o homossexualismo, mas sim todas as manifestações de pecado).

Segundo o relativismo vigente, não é politicamente correto afirmar que somente quem segue a Cristo como Senhor será salvo, para que não se incorra em algum tipo de etnocentrismo, ao julgar o mundo pela ótica dos que seguem a

Jesus. Afinal, dizem eles, todas as religiões são verdadeiras. Ora, na Bíblia existe somente um caminho para a salvação: Jesus Cristo. Logo, não se pode inventar outro evangelho. É claro que isso não confere ao cristão o direito de massacrar as culturas dos outros povos (como os ingleses fizeram com os indianos e os portugueses com os índios) nem considerar ninguém inferior.

A presente época também afirma haver contradição entre a ciência e a fé. No entanto, não há qualquer contradição entre ambas. Ou melhor: a ciência pode até contradizer a fé, mas a fé não contradiz a ciência.[81] Em outras palavras: a ciência pode até pretender reduzir todo conhecimento ao seu domínio (como faz Richard Dawkins, em seus livros), mas a fé sempre saberá que não pode invadir o território da ciência. Uma pessoa de fé afirma que Deus criou o mundo e espera que a ciência descreva como foi essa criação. Um cristão se extasia com as descobertas da ciência e com as maravilhas da tecnologia. A diferença é que o cristão não vê a ciência e a tecnologia como fins em si mesmas, mas como competências humanas, dadas por Deus, para o domínio equilibrado da natureza e da vida.

A despeito do que acredita a presente era, também não há qualquer contradição entre inteligência e oração. A inteligência humana pode conhecer todas as características de uma laranja, mas somente a experiência de saboreá-la pode revelar o seu sabor. A inteligência nos ajuda a entender Deus, mas somente a oração nos capacita a fruir de sua presença.

Quem não aprende está longe de fruir o sabor da vida. Quem não estuda a Bíblia não pode alcançar a profundidade de sua verdade. Às vezes, existe o desejo de aprender, mas sem fazer esforço. Alguns chegam a sucumbir à tentação da iluminação direta, que é pedir para que Deus fale, não por sua Palavra, mas por sua comunicação direta conosco (por meio de visões e sonhos, que são meios excepcionais e usados a critério de Deus, não sendo, pois, legítimo, pedir por eles, embora se deva aceitá-los se Deus resolver usá-los para conosco).

Aprende-se de Deus por meio da sua Palavra, porque ela é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito. Timóteo era um privilegiado, como muitos outros cristãos, por ter desde a infância aprendido as sagradas letras (2Timóteo 3.15). Os mais jovens devem agradecer a Deus por esse privilégio e pedir que os mantenha nesse caminho, apesar das fábulas engenhosas que tentam desviá-los dele. Muita gente tem que experimentar o horror do pecado e até mesmo a perda da fé, para descobrir que o salário do pecado é a morte e, então, voltar-se para Deus, alguns já alquebrados, sem poder fruir o prazer da presença do Pai.

Os mais jovens devem respeitar os mais velhos, parando para ouvir o que eles têm a dizer, buscando seus conselhos. Há muitas crianças, adolescentes e jovens que acham que já sabem tudo da vida, quando não sabem nada. Se os mais velhos sabem quase nada, quanto mais os jovens! É um verdadeiro privilégio ser instruído pela Bíblia.

Quanto aos mais velhos, eles devem preservar e proteger as crianças, os adolescentes e os jovens. Isso não quer dizer que nunca devam corrigi-los, pois eles precisam da correção da Palavra de Deus, como os adultos também. Mas existe muita intolerância para com eles e muita tolerância para com os adultos, que cometem os mesmos deslizes.

O objetivo da Bíblia é apresentar Cristo ao ser humano. Ela pode conter ensinos para a vida, mas será insuficiente se não for lida como o caminho por excelência para a salvação em Jesus Cristo. No Antigo Testamento, a Bíblia aponta para o Messias que virá para salvar toda a humanidade. No Novo Testamento, a Bíblia apresenta o Messias Jesus que veio e voltará. Assim, portanto, a Bíblia é a história da salvação. Por isso, Gênesis tem que ser lido com os olhos fixos em Jesus. O livro de Crônicas têm que ser lido, mesmo as seções repletas de genealogias, com os olhos voltados para Jesus. As genealogias estão na Bíblia por causa de Jesus.

Deus sabe que sem Jesus a história da humanidade e de cada ser humano é vazia. A Bíblia *é* a história de Jesus. Jesus é a revelação completa porque é a Palavra de Deus para a salvação. A Lei e a religião falharam como canais de comunicação com Deus. Por isso, veio ao mundo o próprio conteúdo da comunicação divina (João 1.1; Apocalipse 19.13). Jesus é a revelação completa porque comunica o caráter (o próprio ser) de Deus (João 14.9). Por ele, o Deus invisível do Antigo Testamento se tornou o Deus visível do Novo Testamento. Não há mais véu. Não há mais rocha no caminho. Não é preciso mais uma nuvem. Não é mais preciso mediadores institucionais ou pessoais, embora o homem os prefira. Jesus é a revelação completa pela sua singularidade. Diante dele, a razão deve se tornar cativa. Diante dele, as religiões se tornam o que sempre foram: insuficientes. Diante dele, toda atitude deve ser de adoração, com nossos joelhos (a nossa autossuficiência) dobrados e lábios (habilidade) contritos. Jesus é a revelação porque exige uma resposta. O perfeito comunicador não lança sua mensagem ao léu, mas a envia diretamente a quem a receberá e espera uma resposta (Apocalipse 3.20).

O modo como Deus inspirou sua Palavra vem sendo objeto de disputa. Uns acham que os autores da Bíblia foram apenas redatores das palavras ditadas por

Deus. Neste caso, eles sequer sabiam o que estavam escrevendo. O caso de Moisés ilustra bem essa visão. No final de Deuteronômio, há uma descrição da morte de Moisés. Os que defendem esta maneira de Deus agir acham que ele ditou para seu servo a notícia de sua própria morte.

No extremo oposto, há os que acham que a Bíblia é um livro totalmente humano, escrito por pessoas que criam em Deus. Nesse sentido, ela deve ser lida como se lê qualquer outro livro e autor.

Uma posição equilibrada considera o processo de inspiração de Deus como algo dinâmico. Quando criou a Terra, Deus lhe deu forma, porque estava vazia e caótica. Quando fez o homem, Deus lhe soprou o hálito da vida, porque não passava de um conjunto de células. Gosto de pensar que o processo de inspiração da Bíblia guarda a mesma semelhança com essas coisas. Como ensina Pedro, a Bíblia foi escrita por homens, mas sob a orientação do Espírito Santo, que moveu seus corações e suas mentes (2Pedro 1.21).

A seu modo e tempo, Deus tomou os pensamentos humanos, a criatividade humana, os estilos literários humanos, as percepções humanas, próprios de pessoas tementes e em comunhão com ele, e soprou neles seu hálito de vida. Ao fazê-lo, transformou o resultado dessa produção humana numa obra singular, única, ímpar, divinamente inspirada em sua origem e propósito.

Nela, o homem é plenamente humano e Deus é plenamente divino. Se fosse apenas humana, não valeria a pena lê-la com a mesma disposição. Se fosse apenas divina, não conseguiríamos compreendê-la. Pelo sopro do seu Espírito, Deus transformou o carvão no mais puro diamante que ilumina e penetra, por conter o brilho e a plenitude de Deus.

Sem a Bíblia, não temos o que dizer. Uma das maiores desgraças do cristianismo é que a maioria dos seus seguidores não está preparada para dar a razão da sua esperança, o que os deixa sem condições de dialogar com o seu tempo e os faz merecedores das mais duras caricaturas pejorativas.

Todos querem ter as palavras adequadas para dizer em determinadas horas. E elas se encontram na Bíblia, não para serem recitadas mecanicamente, mas para que as pessoas delas se apropriem de forma honesta e profunda. Apropriando-se do seu conteúdo, elas serão úteis na hora em que delas se precisar.

Sem a Bíblia, faltará sabedoria para agirmos adequadamente. Quando estamos impregnados da Palavra de Deus, os exemplos nela expressos (mesmo os negativos) nos ajudam a viver como Deus deseja.

A leitura de um poema nos extasia. Devemos ler mais os poetas. A leitura da

Bíblia, porém, não só nos extasia: ela nos transforma, nos molda e nos dá nova vida. Devemos, portanto, ler mais, muito mais a Bíblia.

16

LER É INTERPRETAR[82]

Considere os seguintes princípios para ler a Bíblia:

1. Saiba o que as palavras significam.

Se você não entende bem algumas palavras do texto bíblico, os dicionários (de língua portuguesa e da Bíblia) são indispensáveis. Não deixe uma palavra sequer para trás. Anote-a e pesquise. Às vezes, a consulta à outra versão bíblica pode ajudar a entender o significado de algumas palavras.

2. Lembre-se de que a Bíblia usa figuras de linguagem.

Figuras de linguagem são recursos utilizados para comunicar algum conceito de modo mais profundo, criativo e bonito. Esteja atento à intenção do autor com a figura de linguagem empregada.

3. Considere o contexto.

Um texto lido isoladamente pode ser útil; no entanto, se for lido à luz de outros textos, será muito mais rico. Quando Jesus diz que "quem tem os meus mandamentos e os obedece, esse é o que me ama", pode parecer que faz uma referência à Lei ou aos Dez Mandamentos, mas, na verdade, ele se refere ao seu próprio mandamento de que cada um deve amar ao seu próximo como ele nos amou.

4. Procure conhecer os costumes da época de cada texto.

Quando Jesus disse "Está consumado" (João 19.30), ele estava anunciando algo mais que o fim da crucificação. Essa expressão é a mesma que era colocada nos recibos de impostos, para declarar que todo débito tinha sido liquidado. O significado é que a obra da redenção estava terminada.

5. Interprete as dificuldades do texto à luz da verdade geral.

A verdade não contradiz a verdade. Às vezes, um texto isolado pode ser difícil de entender e a leitura de outros textos relacionados nos ajuda a entendê-lo

melhor. Assim, por exemplo, Marcos 16.16 parece colocar o batismo como requisito para a salvação, quando muitos outros textos (como Efésios 2.8-9; Tito 3.5 e 1Coríntios 1.10-17) mostram bem claramente que a salvação decorre tão somente da fé. Em outras palavras, os outros textos permitem uma compreensão mais profunda de Marcos. Muitas doutrinas equivocadas nascem do esquecimento desse princípio.

6. Interprete a experiência à luz da Bíblia e não o contrário.

As experiências de cada um são importantes para o crescimento na fé. No entanto, essas experiências devem ser interpretadas à luz da Bíblia. Fazer o contrário pode levar a equívocos perigosos, tornando menor a verdade revelada por Deus.

7. Lembre-se que a Bíblia é um registro progressivo da verdade de Deus.

A natureza de Deus não muda (Malaquias 3.6; Hebreus 13.8). Contudo, ele pode modificar o modo como seu plano será realizado (Jonas 3.9-10).

16

PROGRAMA DE LEITURA DA BÍBLIA EM 75 SEMANAS

SEMANA	LEITURAS
1	Marcos 1—16; Salmos 1—2
2	Gênesis 1—11; Salmos 3—4
3	Gênesis 12—25; Salmos 5—6
4	Gênesis 26—36; Salmos 7—8
5	Gênesis 37—50; Salmos 9—10
6	Lucas 1—12; Salmos 11—13
7	Lucas 13—24; Salmos 14—17
8	Êxodo 1—20; Salmo 18
9	Êxodo 21—40; Salmo 19
10	Mateus 1—14; Salmos 20—24
11	Mateus 15—28; Salmos 25—29
12	Levítico 1—14; Salmos 30—35
13	Levítico 15—27; Salmos 36—40
14	João 1—9; Salmos 41—45
15	João 10—21; Provérbios 1—5
16	Números 1—17; Provérbios 6
17	Números 18—25; Provérbios 7—8
18	Números 26—36; Provérbios 9—11
19	Atos 1—14; Provérbios 12—14
20	Atos 15—28; Provérbios 15—17
21	Deuteronômio 1—17; Provérbios 18
22	Deuteronômio 18—34; Provérbios 19—20
23	Romanos 1—16
24	Josué 1—14; Provérbios 21
25	Josué 15—24; Provérbios 22—23
26	1Coríntios 1—16; Provérbios 24

27	2Coríntios 1—13; Provérbios 25—27
28	Juízes 1—16; Provérbios 28
29	Juízes 17—21; Provérbios 29—31
30	Gálatas 1—6; Salmos 46—48; Efésios 1—6
31	Rute 1—4; Eclesiastes 1—3; Filipenses 1—4; 1Samuel 1—6
32	1Samuel 7—25; Eclesiastes 4
33	1Samuel 26—31; Eclesiastes 5—9
34	Colossenses1—4; 1Tessalonicenses 1—5; 2Tessalonicenses 1—3; Eclesiastes 10—12
35	2Samuel 1—12; Salmos 49—53
36	2Samuel 13—24; Salmos 54—58
37	1Reis 1—8; Salmos 59—63
38	1Reis 9—22
39	2Reis 1—12; Salmo 64
40	2Reis 13—25; Salmo 65
41	1Timóteo 1—6; Salmo 66; 2Timóteo 1—4; Salmo 67
42	1Crônicas 1—16
42	1Crônicas 17—29; Salmos 68—69
43	2Crônicas 1—12; Salmos 70—74
44	2Crônicas 13—25; Salmos 75—79
45	2Crônicas 26—36; Salmos 80—85
46	Esdras 1—10; Salmos 86—91
47	Neemias 1—13; Salmos 92—95
48	Ester 1—10; Salmos 96—101
49	Jó 1—15; Salmos 102—105
50	Jó 16—31; Salmo 106
51	Jó 32—42; Salmos 107—113
52	Cântico dos cânticos 1—8; Isaías 1—6
53	Isaías 7—23; Salmo 114
54	Isaías 24—39; Salmo 115
55	Isaías 40—66
56	Tito 1—3; Filemon 1; Salmos 116—118
57	Salmo 119

58	Jeremias 1—15; Salmos 120—121
59	Jeremias 16—34; Salmo 122
60	Jeremias 35—52; Salmo 123
61	Lamentações 1—5; Salmos 124—130
62	Hebreus 1—13; Salmos 131—133
63	Ezequiel 1—13; Salmos 134—135
64	Ezequiel 14—30; Salmo 136
65	Ezequiel 31—48; Salmo 137
66	Tiago 1—5; Salmo 138; 1Pedro 1—5; 2Pedro 1—3
67	Daniel 1—12; Salmos 139—140
68	Oséias 1—14; Salmo 141
69	Joel 1—3; Amós 1—9; Obadias 1; Jonas 1—4
70	Miquéias 1—7; Naum 1—3; Habacuque 1—3; Sofonias 1—3
71	Judas 1; 1João 1—5; 2João 1; 3João 1; Salmos 142—146
72	Ageu 1—2; Zacarias 1—14
73	Malaquias 1—4; Salmos 147—150
74	Apocalipse 1—11
75	Apocalipse 12—22

FONTES ESPÍRITAS

Dênis, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. Disponível em: <www.autoresespiritasclassicos.com>

_____. *O problema do ser, do destino e da dor: os testemunhos, os fatos, as leis.* Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?url=http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/leon-denis-o-problema-do-ser.pdf>

Herculano Pires, J. Visão *espírita da Bíblia.* Disponível em: <www.espirito.org.br/portal/download/pdf/visao-espírita-da-biblia.pdf>

IPPB. *Mediunidade na Bíblia.* Disponível em: http://www. ippb.org.br/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=3888.

Kardec, Allan. A *Gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo.* Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?url=http://www.kardecian.org/Download/A_Genese.pdf>

_____. *Instruções de Allan Kardec ao movimento espírita*. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?url=http://www.cefak.net/estudos-espíritas/adultos/artigos-de-allan-kardec/pdf/instrucoes.pdf&pli=1>

_____. O *céu e o inferno ou a justiça divina segundo o espiritismo*. Disponível em: <http://leiakardec.com/ceu-e-inferno.php>

_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/ese/o-evangelho-segundo-o-espiritismo.pdf.>

_____. *O livro dos espíritos*. Disponível em: <sodecristo.org.br/sitio/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=4&Itemid=58>

_____. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?url= http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/lm/o-livro-dos-mediuns.pdf>

_____. *Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec.* Disponível em:<https://docs.google.com/viewer?url= http://www.aeradoes pirito.net/LivrosCodEspirita/ViagemEspirita1862.pdf>

AUTORES ESPÍRITAS CITADOS EM O ESPIRITISMO de A a Z (Disponível em: http://www.febnet.org.br/site/pesquisas.php? SecPad=47&Sec=403):

Calligaris, Rodolfo. *Páginas de espiritismo cristão*.

Franco, Divaldo P. *Impermanência e imortalidade*.

Lobo, Ney. *Filosofia espírita da educação e suas consequências pedagógicas e administrativas*.

Marcus, João (Hermínio C. Miranda). *Candeias na noite escura.*

Pereira, Yvonne A. *Memórias de um suicida*.

Quintão, Manuel. *O Cristo de Deus*.

Ribeiro, Guillon. *Jesus, nem Deus nem homem*.

Roustaing, J.B. (Coord.). *Os quatro evangelhos: espiritismo cristão ou revelação da revelação.*

Souza, Dalva Silva. *Os caminhos do amor*.

Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. *O espírito da verdade: estudos e dissertações em torno de o evangelho segundo o espiritismo, de Allan Kardec.*

xavier, Francisco Cândido. *A caminho da luz.*

_____. *No mundo maior*.

FONTES CRISTÃS

ARTIGOS

Bono: *Grace over Karma*. Excertos do livro "Bono: In Conversation with Michka Assayas". Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/music/interviews/2005/bono-0805.html>

Braga, Maurício Carlos da Silva. *Por que não sou mais espírita*. Disponível em: <www.evangelizacaopessoal.com/espiritismo.html>

Eddy, Paul R. *Reincarnation and the Bible.* Disponível em: <http://www.focusonthefaulty.com/Pages/reincarnation.html>

Instituto de Pesquisas Teológicas. *Procurando compreender ISamuel 28*. Disponível em: <http://www.ipet.hpg.ig. com.br/espiritismo/esp_001.html#topo>.

Martinez, João Flávio. Na *transfiguração, Elias e Moisés falaram realmente com Jesus?* Disponível em: <http://www.cacp.org.br/espiritismo/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=1437 &menu=5&submenu=1> Cf. http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/natal/quem-eh-jesus.html)

LIVROS

Black, David Alan. *Por que 4 evangelhos*? São Paulo: Vida, 2004.

Bruce, F.F. *The Books and the Parchments: How We Got Our English Bible*. Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1950.

Geisler, Norman. *Enciclopédia apologética*. São Paulo: Vida, 2002.

Lewis, C.S. *Cristianismo puro e simples.* São Paulo: ABU, 1992.

Osborne, Grant. R. *A espiral hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

Stott, John. *Cristianismo básico*. Viçosa: Ultimado, 2007.

_____. *Por que sou cristão*. Viçosa: Ultimado, 2004.

OUTROS LIVROS CORRELATOS DE ISRAEL BELO DE AZEVEDO

Academia da alma. Rio de Janeiro: Convicção, 2007.

Apologética cristã: *curso vida nova de teologia básica*. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

Dia a Dia com Deus através da Bíblia. 1ª. ed. Rio de Janeiro: MK, 2004.

Fruto do Espírito: a vida cristã como ela deve ser. São Paulo: Vida Nova, 2006.

No princípio, Deus: em defesa da fé e da razão. Rio de Janeiro: MK, 2007.

O prazer da produção científica: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. 13ª. ed. São Paulo: Hagnos, 2008.

O que é ser humano. 1ª. ed. Rio de Janeiro: MK, 2005.

Para ter um bom dia hoje e amanhã. São Paulo: Vox Litteris, 2010.

Sete passos e meio para a felicidade. São Paulo: United Press, 2010.

[1]kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 176. Disponível em:http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/ese/o-evangelho-segundo-o-espiritismo.pdf
[2] Ibidem, p. 37.
[3] Ibidem, p. 175.
[4] Ibidem, p. 174
[5] Ibidem, p. 38.
[6] Ibidem, p. 295.
[7] Ibidem, p. 192.
[8] Cf. Azevedo, Israel Belo de. *Diante das pesquisas com células-tronco embrionárias*. Disponível em: <http://www.prazerdapalavra.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=840:diante-das-pesquisas-com-culas-tronco-embrionrias-livro-eletro&catid=1330&Itemid =100085>
[9] Todas as citações bíblicas deste trabalho serão da Nova Versão Internacional.
[10]kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 47
[11] Ibidem, p. 93.
[12] Ibidem, p. 37
[13]kardec, Allan. *O livro dos espíritos*, questão 59, página 97. Disponível em: <www.sodecristo.org.br/sitio/index.php?option =com_ docman&task= doc_details&gid=4&Itemid=58>
[14]dênis, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. Disponível em:<www.autoreses piritasclassicos.com>
[15]braga, Maurício Carlos da Silva. *Porque não sou mais espírita*. Disponível em: <www.evangelizacaopessoal.com/espiritismo.html>
[16] Sobre a leitura da Bíblia, veja, por favor, a segunda parte deste livro.
[17]Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 193.
[18] Ibidem, p. 284.
[19] Ibidem, p. 284.
[20] Souza, Dalva Silva. *Os caminhos do amor*. Disponível em: <www. febnet. org.br>
[21]Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. *O Espírito da verdade: estudos e dissertações em torno de O evangelho segundo o espiritismo, de Allan Kardec*. Disponível em: <www.febnet.org.br>
[22]Dênis. Léon. *Cristianismo e espiritismo*. Disponível em:<www.autor esespiritasclassicos.com>
[23]Stott, John. *Cristianismo básico*, p. 111.
[24]Kardec, Allan. *O céu e o inferno ou A justiça divina segundo o espiritismo*. Disponível em: <www.febnet.org.br>
[25]Imbassahy, Carlos. *Religião: refutação às razões dos que combatem a parte religiosa em espiritismo*. Disponível em: <www.febnet.org.br>
[26]Roustaing, J.B. (Coord.). *Os quatro evangelhos: espiritismo cristão ou revelação da revelação*. Disponível em: <www.febnet.org.br>
[27]Xavier, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Disponível em: <www.febnet.org.br>
[28] Citado por Guillon Ribeiro. *Jesus, nem Deus nem homem*. Citado em "O Espiritismo de A a Z". Disponível em:<www.febnet.org.br>
[29] Citado por Divaldo Franco. *Impermanência e imortalidade*. Citado em "O Espiritismo de A a Z". Disponível em:<www.febnet.org.br>
[30] Em outras palavras: Quem tem vida em si mesmo, senão aquele que é Deus?
[31]Lewis, C.S. *Cristianismo puro e simples*.
[32]Stott, John. *Porque sou cristão*, p. 58.
[33] Ibidem, p. 59.
[34] Ibidem, p. 60.
[35] Kardec, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Citado em "O Espiritismo de A a Z". Disponível em: <www.febnet.org.br>
[36] A perfectibilidade é um neologismo criado por Rousseau para exprimir a capacidade que o homem possui de aperfeiçoar-se.

[37]Kardec, Allan. *O credo, a religião do espiritismo*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:RyVVu7 EE9HoJ:www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/religiao/o-credo. html+Crer+num+Deus+Todo-Poderoso,+soberanamente+justo+ e+bom&cd=1 &hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
[38]Kardec, Allan. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*.
[39]Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 204
[40]Pereira, Yvonne A. *Memórias de um suicida*, p. 63. Disponível em: <http://evangelhonolar.com/memorias_de_um_suicida.pdf>
[41]Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*, p. 136.
[42] Idem, *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 26.
[43]Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 36.
[44] Idem. *O livro dos espíritos*, p. 158
[45]Dênis, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor: os testemunhos, os fatos, as leis*.
[46]Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 54.
[47] Ibidem, p. 58-59.
[48]Eddy, Paul R. *Reincarnation and the Bible*. Disponível em: <http://www.focusonthefaulty.com/Pages/reincarnation.html>
[49]Braga, Maurício Carlos da Silva. *Porque não sou mais espírita*.
[50] Ibidem.
[51]Geisler, Norman. *Enciclopédia apologética*, p. 748.
[52] Ibidem, p. 747.
[53]Braga, Maurício Carlos da Silva. *Porque não sou mais espírita*.
[54]Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*, p. 191.
[55] Ibidem, p. 491.
[56]Braga, Maurício Carlos da Silva. *Porque não sou mais espírita*.
[57] Cf. Barbosa, Pedro Franco. *Espiritismo básico*. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, passim.
[58]Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*, p. 25.
[59] Idem, *O evangelho segundo o espiritismo*, p. 247.
[60] Idem, *O livro dos espíritos*, p. 528.
[61] Ibidem, p. 230.
[62] Ibidem, p. 395.
[63]ippb, *Mediunidade na Bíblia*. Disponível em: <www.ippb.org.br/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=3888>
[64] Uma outra tradução possível traz: "Não vos voltareis para os que consultam os mortos nem para os feiticeiros; não os busqueis para não ficardes contaminados por eles. Eu sou o Senhor vosso Deus".
[65]ippb, *Mediunidade na Bíblia*.
[66] Ibidem.
[67] "Não recorram aos médiuns, nem busquem a quem consulta espíritos, pois vocês serão contaminados por eles. Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês" (Levítico 19.31).
[68]Bruce, F. F. "What Do We Mean By Biblical Inspiration?", Journal of the Transactions of the Victoria Institute 78 (1946): 120-139, p. 124.
[69] Instituto de Pesquisas Teológicas. *Procurando compreender 1Samuel 28*. Disponível em: <http://www.ipet.hpg.ig.com.br/espiritismo/esp_001. html#topo>
[70] Veja *Comunicações com espíritos*. Disponível em: <http://blog-espiritismo.blogspot.com/2007/05/comunicaes-com-espritos.html>
[71]Martinez, João Flávio. *Na transfiguração, Elias e Moisés falaram realmente com Jesus?* Disponível em: <http://www.cacp.org.br/espiritismo/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=1437&menu=5&submenu=1>
[72] Veja <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/natal/quem-eh-jesus.html>, onde Jesus é

apresentado como o maior exemplo de encarnações missionárias. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-008.html>
[73] Leia uma resposta de um estudante universitário que teve acesso a uma mensagem que preguei em 2001. Depois de lê-la, essa pessoa gentil me escreveu. Azevedo, Israel Belo. *Encarnação: fundamento de uma esperança*. Disponível em: <http://www.prazerdapalavra.com.br/ index.php?option=com_content&task=view&id=613&Itemid=123>
[74] Conforme <http://www.espirito.org.br/portal/doutrina/vocabulario/letra-l.html>
[75]Bono: *Grace over Karma. Excertos do livro "Bono: In Conversation with*
[76] Entrevista reproduzida no jornal Valor Econômico, de 28.9.2001, caderno Fim de Semana, p. 5.
[77] Jefferson Davis, presidente dos Estados Confederados da América.
[78]Hammond, James Henry Hammond. *Ontario consultants on religious tolerance. Slavery in the Bible*. Disponível em: <http://www. religioustolerance. org/sla_bibl.htm>
[79]Lee, Felicia R. From Noah's Curse to Slavery's Rationale. Disponível em: <http://www.racematters.org/noahscurseslaverysrationale.htm>
[80] Entre as edições anotadas, são excelentes a *Bíblia Shedd*, *Bíblia Anotada Mundo Cristão*, a *Bíblia de Estudo Vida* e a *Bíblia de Estudo de Genebra*. Para um estudo devocional diário, recomendo a obra *Dia a dia através da Bíblia*. Dois amplos comentários em um só volume são: *Comentário Bíblico Vida Nova* (São Paulo: Vida Nova, 2010) e *Comentário Bíblico Africano* (São Paulo: Mundo Cristão, 2010).
[81] Para a relação entre esses dois campos, veja Azevedo, Israel Belo de, *No princípio, Deus*.
[82] Desenvolvido a partir de <http://www.christianword.org>